



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA DE NAZARÉ LOBO DE JESUS

VILA MOIRABA E O RIO TOCANTINS: História em perspectiva ambiental

ANANINDEUA-PA

2024

MARIA DE NAZARÉ LOBO DE JESUS

VILA MOIRABA E O RIO TOCANTINS: História em perspectiva ambiental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

ANANINDEUA-PA

2024

MARIA DE NAZARÉ LOBO DE JESUS

VILA MOIRABA E O RIO TOCANTINS: História em perspectiva ambiental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

Data de aprovação: ___/___/___

Conceito:

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Examinador(a) interno(a)

...

Examinador(a) externo(a)

...

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, sabedoria, fé e perseverança ao longo do meu percurso acadêmico. Não foi fácil. Assim como todos, atravessei uma pandemia (Covid-19) e fui uma das contaminadas, mas graças a Deus, hoje posso estar aqui agradecendo por ter conseguido concluir minha graduação. Minhas condolências aos familiares dos docentes e discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA) que partiram devido a esta pandemia, bem como a todas as pessoas que perderam seus entes queridos. Nesse percurso, também enfrentei o luto pela partida de minha mãe, que faleceu em 2021. Foram muitas as dificuldades que poderiam ter me feito desistir, mas fui forte e corajosa, pois sei que há pessoas que se inspiram em mim.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, que sempre me apoiou. Pena que ela não está aqui entre nós, mas acredito que está feliz por mim. Agradeço também aos meus filhos, João Pedro e Ruan Guilherme, e ao meu esposo, Danúbio Caldas, meus grandes incentivadores. Destaco aqui meu esposo, que foi meu parceiro em todos os momentos difíceis durante esta caminhada acadêmica.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Wesley Kettle, que aceitou meu pedido de orientação e me possibilitou chegar até aqui.

À Universidade Federal do Pará, por disponibilizar um processo seletivo diferenciado para quilombolas, proporcionando assim o início de minha formação acadêmica.

Ao corpo docente da graduação, professores que muito contribuíram para a construção de meus conhecimentos.

Ao corpo técnico do Campus de Ananindeua, à psicóloga Natália Almeida, à assistente social Simone Silva e ao nosso secretário do curso de História, Matheus Queiroz. Esses profissionais foram muito importantes durante a graduação.

Ao Quilombo São Benedito e à Associação dos Moradores e Agricultores Remanescentes do Quilombo São Benedito (AMARQUISB) pelo empenho e disponibilidade aos acadêmicos quilombolas.

À Vila Moiraba, local onde nasci e cresci, que, neste estudo, me fez recordar memórias contadas por meus pais e até mesmo vivenciadas por mim. De fato, é uma grande alegria para esta autora estar registrando um pouco da história desta vila.

A todos os meus entrevistados, ao Senhor Ronaldo Rodrigues, pela colaboração com sua pesquisa, e a todos que me acolheram em suas casas com muito carinho em todos os momentos, colaborando na sistematização desta pesquisa.

Aos meus amigos de turma, Ellen Malcher, Maurinea Albuquerque, Shirlene Coelho, Maurício Quaresma e Elber Soares, pelo apoio e incentivo.

A todos os amigos e amigas que me incentivaram, direta ou indiretamente.

A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

A Vila Moiraba pertence ao Quilombo São Benedito e está localizada à margem direita do Rio Tocantins, o segundo maior rio totalmente brasileiro, cuja nascente está em Goiás e deságua no golfo marajoara, no Pará. Vila Moiraba é um distrito do município de Cametá, situado no nordeste paraense. Considerando as vivências que esses moradores tiveram e têm com o Rio Tocantins, recurso natural que faz parte do contexto histórico da comunidade, o presente estudo trata de “Vila Moiraba e o Rio Tocantins: História em perspectiva ambiental”, com o objetivo de registrar o protagonismo dos moradores no uso desse curso d’água, além de possibilitar reflexões sobre a conservação e preservação do Rio Tocantins e de sua margem em frente à Vila Moiraba. O estudo também visa promover o conhecimento histórico local sob uma perspectiva ambiental. Para tanto, foi necessário investigar as atividades desses sujeitos ao longo do tempo, entre meados do século XX e XXI, especificamente entre os anos de 1940 e 2023, de acordo com os relatos dos entrevistados. Realizou-se, então, uma pesquisa baseada em relatos orais, fotografias, observações de campo e estudos bibliográficos para complementar o tema abordado. Diante disso, verificou-se que os moradores possuem memórias históricas, cujas experiências narradas evidenciam a presença de elementos e modos de vida em interação com o Rio Tocantins. Constatou-se que algumas atividades permanecem parte integrante das vivências desses sujeitos, possibilitando, assim, um diálogo sobre a perspectiva ambiental.

Palavras-chave: Vila Moiraba; Rio Tocantins; perspectiva ambiental.

ABSTRACT

Vila Moiraba belongs to the São Benedito Quilombo and is located on the right bank of the Tocantins River, the second largest river in Brazil, which originates in Goiás and flows into the Marajoara Gulf in Pará. Vila Moiraba is a district in the municipality of Cametá, located in the northeast of Pará. Considering the experiences that these inhabitants have had and have with the Tocantins River, a natural resource that is part of the historical context of the community, this study deals with “Vila Moiraba and the Tocantins River: History from an Environmental Perspective”, with the aim of documenting the protagonism of the inhabitants in the use of this watercourse, as well as to allow reflection on the conservation and

preservation of the Tocantins River and its banks in front of Vila Moiraba. The study also aims to promote local historical knowledge from an environmental perspective. To this end, it was necessary to study the activities of these people over time, between the mid-20th and 21st centuries, specifically between 1940 and 2023. Research was then carried out based on oral accounts, photographs, field observations and bibliographic studies to complement the subject. As a result, it was found that the inhabitants have historical memories whose narrated experiences show the presence of elements and ways of life in interaction with the Tocantins River. It was noted that some activities remain an integral part of these people's lives, thus allowing a dialogue on the environmental perspective.

Keywords: Vila Moiraba; Tocantins River; environmental perspective.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Imagem aérea da Vila Moiraba.....	13
Fotografia 2 – Mapa do município de Cametá, Pará, e seus respectivos distritos.....	13
Fotografia 3 – Vista da Vila Moiraba.....	18
Fotografia 4 – Barranco de proteção em frente à Vila Moiraba.....	18
Fotografia 5 – Localização da Vila Moiraba, o Rio Tocantins e seu contexto nacional.....	22
Fotografia 6 – Extensão do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.....	24
Fotografia 7 – Última casa construída à margem do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.....	29
Fotografia 8 – Espaço onde se localizava o estaleiro da Vila Moiraba na década de 1980....	30
Fotografia 9 – Espaço onde se localizava o estaleiro da Vila Moiraba atualmente.....	30
Fotografia 10 – Navio 3 de outubro navegando pelo Rio Tocantins em 1934.....	32
Fotografia 11 – Navio Chatinha navegando pelo Rio Tocantins em 1934.....	32
Fotografia 12 – Navio Luste navegando pelo Rio Tocantins na década de 1980.....	33
Fotografia 13 – Navio Jubileu navegando pelo Rio Tocantins na década de 1980.....	33
Fotografia 14 – Saída de embarcação do trapiche da Vila Moiraba.....	33
Fotografia 15 – Embarcação que faz viagem para a cidade de Cametá.....	35
Fotografia 16 – Canoa com motor chamada pelos ribeirinhos de rabeta.....	35
Fotografia 17 – Complexo Viário sobre o Rio Guamá - Alça Viária.....	35
Fotografia 18 – Passeata do mastro nas ruas da Vila Moiraba.....	37
Fotografia 19 – Derrubada do mastro em frente à Igreja de São Benedito.....	37

Fotografia 20 – Moradores conduzindo o mastro para jogar no Rio Tocantins.....	37
Fotografia 21 – Grupo cultural “Flores do Campo: Vivas e Ativas” e população namanifestação de elevação do mastro	38
Fotografia 22 – Grupos culturais “Flores do Campo: Vivas e Ativas” e “O Vermelhão” naderrubada do mastro	39
Fotografia 23 – Canoa (casco) e remo de faia	41
Fotografia 24 – Pescadores preparando sua malhadeira	41
Fotografia 25 – A pescaria	41
Fotografia 26 – Árvore de cuia (o balde é feito da fruta)	42
Fotografia 27 – Planta do jamaru.....	43
Fotografia 28 – Moradora lavando louças	44
Fotografia 29 – Morador pegando água do rio	44
Fotografia 30 – Moradora lavando roupas.....	44
Fotografia 31 – Crianças pulando do trapiche	45
Fotografia 32 – Moradores e visitantes em momento de lazer	46
Fotografia 33 – Pôr do sol em frente à Vila Moiraba.....	46
Fotografia 34 – Moradora sentindo o vento em frente à Vila Moiraba.....	51
Fotografia 35 – Águas do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba	52
Fotografia 36 – Localidade conhecida pelos moradores como morro, que possui um solo compiçarra.....	53
Fotografia 37 – Desmoronamento do solo.....	54
Fotografia 38 – Demonstração do solo argiloso em frente à Vila Moiraba	54
Fotografia 39 – Demonstração do solo argiloso com formação de praia em frente à VilaMoiraba.....	54
Fotografia 40 – Fonte natural (antigo igarapé localizado próximo ao Rio Tocantins)	56
Fotografia 41 – Área de vegetação entre o igarapé e o Rio Tocantins.....	56
Fotografia 42 – Local do antigo porto do pão.....	57
Fotografia 43 – Demonstração de árvores próximas ao rio	57
Fotografia 44 – Pescadores com uma pequena quantidade de peixes após uma manhã inteirade pesca	58
Fotografia 45 – Pescadores no final da pesca	60
Fotografia 46 – Banhistas	61
Fotografia 47 – Pessoas em locomoção no Rio Tocantins.....	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMARQUISB	Associação dos Moradores e Agricultores Remanescentes do Quilombo de São Benedito
GRHIN	Grupo de Pesquisa História e Natureza
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. SABERES DA VILA MOIRABA	14
3. RIO TOCANTINS: UMA ANÁLISE DO PASSADO	22
4. A RELAÇÃO DOS MORADORES DA VILA MOIRABA COM O RIO TOCANTINS: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	28
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	49
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
FONTES	65
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	69
APÊNDICE A – Termo de autorização de uso de imagem e depoimento oral	69
APÊNDICE B – Perguntas das entrevistas	70

1. INTRODUÇÃO

O rio representa tudo pra nós, Deus o livre! O rio é uma grande coisa, eu me sinto tão bem! Quando eu vou caminhar de manhã e sinto o cheiro do rio, é tão bom! tão gostoso aquele vento, aquele cheiro que vem do rio (relato da moradora, D. Maria Olinda)¹.

O presente estudo² tem como foco principal a relação dos moradores da Vila Moiraba (Quilombo São Benedito) com o rio Tocantins, considerando que esse rio passou por diversas transformações, diretas e indiretas, ao longo do tempo, o que impactou o modo de vida de várias populações ao seu redor, incluindo os moradores da Vila Moiraba, que fazem parte desse processo histórico. Atualmente, a Vila Moiraba está localizada na margem direita do rio Tocantins, o segundo maior rio inteiramente brasileiro, com nascente em Goiás e foz no Golfo Marajoara (Pará). A Vila Moiraba pertence ao Quilombo São Benedito, distrito do município de Cametá, situado no nordeste do Pará.

Este estudo, portanto, levará em consideração as mudanças e permanências nas relações dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins, favorecendo uma discussão sobre questões ambientais relacionadas às atividades que essa população teve e continua a ter com o rio.

Para alcançar esses objetivos, foram utilizados a história oral e registros fotográficos como ferramentas para compreender essa relação, além de observação de campo, considerando a importância que o Rio Tocantins já teve e ainda tem na vida desses moradores. O estudo visa explorar como a relação dos moradores com o Rio Tocantins pode suscitar reflexões sobre a perspectiva ambiental, com foco na preservação e conservação³ desse recurso natural e de suas margens, à luz das atividades desenvolvidas em interação com o rio.

¹ O relato de Dona Maria Olinda demonstra a afetividade dos moradores com o Rio Tocantins. A expressão “Deus o livre” evidencia a importância que esse rio tem para a comunidade.

² Este estudo teve início com a disciplina História e Educação Patrimonial, consolidando-se com o curso de extensão Meio Ambiente para Ensinar História, além de estar vinculado ao Grupo de Pesquisa História e Natureza (GRHIN), com inspiração no trabalho da professora Lígia Ribeiro, intitulado *Os Rios e as Memórias Ambientais no Ensino de História*. Também se destaca a memória afetiva que a autora possui em relação ao espaço estudado.

³ Preservação significa manter a natureza intocada, promovendo ações que garantam a manutenção das características próprias do meio ambiente e as interações entre seus componentes. Já a conservação refere-se ao uso sustentável da natureza, por meio de um sistema flexível ou de um conjunto de diretrizes planejadas para o manejo e utilização sustentada dos recursos naturais (Fonte: Glossário de Ecologia – 1997).

Este trabalho justifica-se pela escassez de registros documentais sobre a Vila Moiraba, que possui poucos estudos sobre sua história, especialmente no que diz respeito à relação dos moradores com o Rio Tocantins. Historicamente, a vida desses moradores esteve profundamente ligada ao rio, seja na pesca, navegação, locomoção, comércio, serviços domésticos, entretenimento ou costumes locais, atividades que, em alguns casos, ainda permanecem.

No âmbito acadêmico, é importante ressaltar que este estudo foi conduzido por uma moradora remanescente quilombola. No passado, as histórias dos povos e comunidades tradicionais eram pesquisadas exclusivamente por universidades. Assim, este estudo representa uma oportunidade para a comunidade ser protagonista no desenvolvimento científico, deixando de ser apenas “objeto de estudo”, como ocorria anteriormente.

O objetivo desta pesquisa é propor uma história da Vila Moiraba, destacando as relações dos moradores com o Rio Tocantins no contexto dos séculos XX e XXI de acordo com os relatos dos entrevistados que se estendem entre 1940-2023 em uma reflexão sobre a perspectiva ambiental. Mais especificamente, busca-se identificar de que maneira essa relação pode contribuir para a história local, com um olhar reflexivo sobre o meio ambiente. A pesquisa também especifica, por meio de entrevistas, fotografias e observação de campo, elementos que favorecem discussões sobre essa perspectiva. Além disso, pretende-se refletir sobre as mudanças e permanências nas relações dos moradores com o Rio Tocantins, compreendendo como eles se conectam ao seu contexto histórico.

Nesse sentido, serão analisadas fotografias⁴ que ilustram a relação dos moradores com o Rio Tocantins, bem como instrumentos de navegação e pesca. O estudo seguirá abordando a origem da Vila Moiraba, a origem do Rio Tocantins e as atividades vivenciadas pelos moradores em interação com o rio.

Para contar a história da Vila Moiraba, foram utilizados dois autores locais: o senhor Raimundo Cotta Garcia⁵, de 81 anos, PhD, professor aposentado da Universidade Federal do Pará (UFPA) e filho da localidade, que escreveu parte da história da vila através da saga de sua família, fazendo parte do Perfil do Quilombo⁶, e Ronaldo Rodrigues Pinto⁷, de 46 anos,

⁴ Sobre o tema da fotografia como documento, ver: KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1990; KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

⁵ PhD em Ciências Sociais pelo Programa da Syracuse University (1991), é um dos fundadores da Associação do Quilombo São Benedito, cujos antepassados foram escravos da família Cotta.

⁶ Esse documento contribuiu para o reconhecimento do território como um Território Quilombola.

que também pesquisou sobre a história da comunidade. Além deles, Ignácio Baptista Moura⁸ realizou uma expedição de Belém a São João do Araguaia⁹, que resultou na obra *De Belém a São João do Araguaia: Vale do Rio Tocantins* (1989). Nessa obra, o autor descreve as paisagens, a fauna e flora do Rio Tocantins e suas margens, além das culturas das cidades e vilarejos por onde passou, incluindo a Vila Moiraba.

Para compreender melhor o Rio Tocantins, sua origem, seu território e suas apropriações, foram consultados autores como Salomão Larêdo (2022), Kátia Flores (2009) e Ignácio Moura (1896), além de artigos e dissertações de autores regionais relacionados ao tema.

Por fim, para analisar a relação dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins, foram incluídos entrevistados na faixa etária de 45 a 94 anos. Os saberes dos moradores serão expressos por meio de suas histórias de vida, e a narrativa seguirá um percurso não linear, adaptando-se às memórias que emergirem ao longo das entrevistas.

2. SABERES DA VILA MOIRABA

A seguir, apresenta-se uma demonstração da imagem aérea de Vila Moiraba (Fotografia 1) e um mapa da localização do município de Cametá, Pará, bem como dos seus respectivos distritos, incluindo a Vila Moiraba (Fotografia 2).

⁷ Morador formado em Educação do Campo pela Universidade Federal do Pará, pesquisou a história da Vila Moiraba e trabalha na comunidade como agente de saúde.

⁸ Foi membro do Clube de Engenharia Civil, Membro Correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e Deputado Estadual do Pará em 1896.

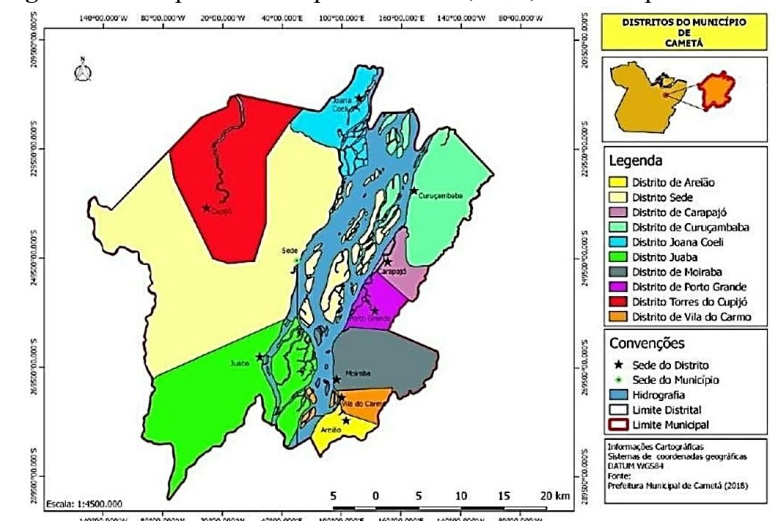
⁹ Comissionado pelo Governo do Pará, na noite de 4 de março de 1896, a bordo da lancha *Alcobaça*, o deputado da província, Ignácio Baptista, partiu do porto de Belém para inspecionar o burgo de Itacaiúna (atualmente o município de Marabá).

Fotografia 1 – Imagem aérea da Vila Moiraba.



Fonte: José Afonso Júnior (2021).

Fotografia 2 – Mapa do município de Cametá, Pará, e seus respectivos distritos.



Fonte: Google. Disponível sob licença: Creative Commons Attribution 4.0 Internacional. <https://www.researchgate.net>. Acesso em: 22 set. 2024.

Vila Moiraba pertence ao Quilombo São Benedito e está localizada à margem direita do Rio Tocantins, o segundo maior rio totalmente brasileiro, com nascente em Goiás e desembocadura no Golfo Marajoara, no Pará. A localidade de Vila Moiraba faz parte do município de Cametá, situado no nordeste paraense. Este estudo, entretanto, dará prioridade às atividades e vivências narradas e observadas nas experiências relacionadas ao uso do Rio Tocantins, com ênfase nas questões ambientais que envolvem o rio e sua margem em frente à Vila Moiraba, bem como a interação dos moradores com esse meio natural. Considerando que as questões ambientais têm sido cada vez mais discutidas globalmente, aprender a se sensibilizar com tais questões a partir do local onde se vive possibilita reflexões mais amplas.

Em suma, será realizada uma análise da história da origem da Vila Moiraba, com o objetivo de compreender e conhecer o surgimento dessa localidade, destacando sua história.

A história da Vila Moiraba oferece a oportunidade de entender o passado e o presente em diversos espaços de convivência, especialmente no que se refere ao Rio Tocantins. Observar e refletir sobre o passado construído permite o conhecimento da realidade histórica local e de seus moradores ao longo do tempo, o que contribui para a construção de uma identidade cultural e social. Em consonância com Cristina Figueira e Lilian Miranda (2012, p. 115), a “História local refere-se ao conhecimento histórico da perspectiva local enquanto objeto de conhecimento e como espaço de referência para o conhecimento”. Nesse sentido, os conhecimentos derivados das histórias de vida dos moradores da Vila Moiraba permitirão revisar as atividades que se transformaram e aquelas que permaneceram, oferecendo uma percepção dos processos históricos relacionados ao Rio Tocantins.

Seguindo essa linha, adotaremos uma cronologia baseada nos relatos coletados pelos pesquisadores locais, senhor Raimundo Cota Garcia e Ronaldo Rodrigues Pinto. A este último, foram feitas algumas perguntas sobre a origem da Vila Moiraba, além de utilizarmos os apontamentos de Ignácio Baptista Moura (1989). Considerando que as pesquisas dos dois primeiros autores se baseiam em relatos orais, é importante ressaltar as observações de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988). Ao tratar da história dos relatos orais, a autora destaca o papel fundamental que desempenham ao longo dos séculos na transmissão e preservação do conhecimento, constituindo-se assim em uma fonte valiosa de dados para as ciências em geral.

Para Maria Queiroz (1988, p. 16), “o relato oral está na base de obtenção de toda sorte de informações e antecede as outras técnicas de obtenção e conservação do saber: a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos umas das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam”. Enquanto que a História Oral, para Verena Alberti (1989, p. 1-3),

é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam ou, testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Tratar-se de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos.

Todavia, ainda não há estudos sobre os primeiros moradores da Vila Moiraba antes de seus supostos fundadores. No entanto, muitas pesquisas indicam que a região do Tocantins era habitada por povos indígenas antes da chegada do frade capuchinho Cristóvão José, considerado o fundador do município de Cametá, em 1620. Historicamente, a cidade de Cametá é tida como uma das mais antigas do Pará, localizada na margem esquerda do Rio Tocantins, onde viviam os povos indígenas Camutás.

Conforme Flávio Gomes (2006, p. 290),

mais do que memória linear sobre a escravidão e quilombos, surgem, na história das comunidades do baixo Tocantins, fragmentos de memórias que recuperam narrativas das experiências do pós-emancipação. Ali comunidades foram feitas e refeitas juntando tanto fugitivos da escravidão como remanescentes de cabanos, desertores militares e aqueles que fugiam do recrutamento militar do “Corpo de Trabalhadores” do Grão-Pará.

Desse modo, a Vila Moiraba (anteriormente fundada como Vila de São Benedito) pode ter se originado a partir de alguns desses personagens históricos, haja vista que, quando os irmãos Cotta, “fundadores” da vila, desembarcaram na localidade, já havia moradores. Vale ressaltar que a região começou a despertar o interesse pela exploração de suas grandes riquezas, atraindo navegadores de várias partes do Brasil e do mundo. Foi assim que a família Cotta chegou à localidade, fundando a Vila de São Benedito¹⁰. Para entendermos um pouco mais sobre essa família, seguiremos com alguns relatos da pesquisa do morador Ronaldo Rodrigues Pinto.

Segundo as pesquisas de Ronaldo Rodrigues¹¹, de 46 anos, no dia 16 de maio de 1872, desembarcou no porto da Vila de São Benedito uma família portuguesa denominada família Cotta, liderada pelos irmãos Isidoro Cotta e João Cotta. Esses irmãos foram os “fundadores” do povoado. Não se sabe ao certo, mas, naquela época, já havia alguns moradores que possuíam grandes propriedades de terra. Com a chegada da família, os Cotta foram comprando as terras que já tinham donos, tornando-se proprietários de toda a região. Era comum que as primeiras pessoas que chegavam a esses locais se tornassem donas de vastas propriedades.

¹⁰

Uma curiosidade que despertou na autora foi a escolha do nome São Benedito: se foi uma homenagem a

Benedito Cotta ou se a família tinha alguma devoção ao santo São Benedito. Tendo em vista que Ignácio Moura (1989) pontua que, na igreja dessa localidade, havia uma sepultura do Dr. Benedito Cotta, um jovem e talentoso jornalista que, provavelmente pelo sobrenome, fosse irmão de Isidoro e João Cotta, e que morreu no auge de sua carreira.¹¹

O morador Ronaldo Rodrigues me concedeu uma entrevista sobre sua pesquisa, que trata da história da Vila Moiraba. A princípio, esta autora não pretendia abordar a origem dessa localidade, mas, a pedido do orientador, aceitei o desafio. Com pouco tempo para realizar as entrevistas e obter dados suficientes, recorri à análise do trabalho deste morador, bem como de outros documentos da hemeroteca, para esclarecer algumas dúvidas, além de consultar a obra de Ignácio Baptista Moura.

Além disso, é importante destacar que essas localidades foram marcadas por resistências contra uma possível reescravização. Os povos locais resistiram e mantiveram suas residências dentro do povoado que haviam criado. De acordo com Benedita Pinto (2010, p. 30),

a região do Tocantins foi marcada pela existência de vários quilombos. Alguns deles foram destruídos; outros jamais foram descobertos. Os quilombos, diante das ameaças de reescravidão e dos riscos de aniquilamento, adentraram pelas matas, rios e igarapés e, no interior da floresta, organizaram novos mocambos, como ocorreu nos municípios de Cametá, Baião e Mocajuba.

Dessa forma, as comunidades podem ser observadas próximas ao rio, com ênfase no Rio Tocantins e na comunidade de Vila Moiraba. Ainda assim, pouco se sabe sobre a origem da família dominante que desembarcou no trapiche dessa comunidade no final do século XIX, apenas que eram portugueses. O senhor Raimundo Cota faz os seguintes questionamentos em sua pesquisa: de onde vieram? Que recursos trouxeram? Supõe-se apenas que foram comerciantes e aventureiros atraídos para essa região no auge do ciclo do ouro, entre 1850 e 1870, assim como muitos outros viajantes que exploraram o Rio Tocantins.

Ignácio Moura (1989) menciona que esses irmãos eram um grupo de antigos patriarcas. Sobre um dos irmãos, chamado João Pinto Cotta, é possível encontrar uma menção em uma publicação do jornal *A Constituição*, na qual, em um ato oficial, o presidente da província (em 1877, João Bandeira de Melo) faz algumas declarações de nomeações, incluindo uma “declaração sem efeito” para o cidadão Isidoro Pinto Cotta, que seria nomeado subdelegado do 4º Distrito de Cametá¹⁰.

Durante a continuação da entrevista com o morador Ronaldo Rodrigues sobre sua pesquisa, ele prossegue dizendo que, após se estabelecerem na região, a família Cotta

¹⁰ A CONSTITUIÇÃO. *Hemeroteca Digital*. Ano 1877. Edição 00054, p. 3.

¹³ Ilhas que ficam à margem esquerda do Rio Tocantins.

demarcou uma grande extensão de terras, que ia desde a localidade de Merajuba até a localidade de Bituba¹³. Nesse perímetro, escolheram uma área de 3 quilômetros de frente, onde atualmente está localizada a Vila Moiraba. O entrevistado pontua que a escolha desse perímetro se deu por sua altitude elevada em relação ao nível do rio e pela proximidade de um igarapé, onde foi construído um estaleiro que, por muitos anos, serviu para a construção e conserto de embarcações utilizadas pelos moradores da região. Mais adiante, será mencionado um pouco mais sobre esse estaleiro, através de uma entrevista feita com o filho do último proprietário.

Nesse contexto, após essas demarcações, a família Cotta tornou-se proprietária de muitos escravos, seringais e cacauais por toda a região. Essas propriedades lhes proporcionaram uma vida confortável por muito tempo, mesmo após o fim da escravatura (1888). Sendo proprietários de terras em ambos os lados do Rio Tocantins, com a Vila de São Benedito como sua moradia, provavelmente este lugar foi o centro de toda a vida social da região (perfil do Quilombo - Raimundo Cota Garcia).

Segundo os registros do perfil do Quilombo, o povoado de São Benedito foi elevado à categoria de vila no ano de 1896, mesmo ano em que o viajante Ignácio Baptista Moura fez sua expedição pelo Rio Tocantins, de Belém a São João do Araguaia. Em sua passagem, ele parou na Vila de São Benedito, onde foi recebido pelo coronel Isidoro Cotta, e em seus escritos fez a seguinte descrição:

o lugar é de uma pitoresca aparição de casas brancas com telhados alinhados em uma só rua fronteira com o rio, na sua margem direita e do qual está perfeitamente defendida pelo barranco elevado e pedregoso. Na mesma linha das casas, e muito mais elevada que elas, ergue-se a igreja do orago, umas das melhores do baixo Tocantins (Moura, 1989, p. 79).

Portanto, essa citação corrobora o relato do morador Ronaldo Rodrigues, que menciona a escolha desse local para moradia devido à proteção proporcionada pelo barranco. Ademais, o viajante destaca as paisagens do lugar, sentindo o frescor da natureza, envolvendo as matas e o Rio Tocantins: “em cima, uma linha de grandes árvores, em frente ao arruado, dava-lhe o efeito de um bosque, que a vibração do rio completava com a doçura de uma temperatura agradável e suavíssima” (Moura, 1989, p. 79). O autor continua em seus registros sobre a Vila Moiraba, pontuando que “a vila só tem uma rua principal e é rodeada de uma

fachada de mata em uma largura de 2 quilômetros, além da qual se estendem campos imprestáveis à cultura” (Moura, 1989, p. 82). Ele também caracteriza os moradores como boas pessoas, sendo quase todos lavradores ou pescadores.

As fotografias a seguir mostram a frente da Vila Moiraba vista do rio. Na fotografia 3, datada da década de 1980, é possível observar uma casa em estilo colonial com janelas e portas compridas, todas pintadas de branco, o que chama atenção nos relatos de Ignácio Moura em sua passagem pela vila em 1896, quando descreve que “a vila é uma aparição de casas brancas”. Isso nos leva a refletir se havia algum motivo específico para que essas casas fossem pintadas dessa cor. A fotografia 4 mostra o barranco de proteção também relatado por Ignácio Moura. Esse barranco, alto e pedregoso, faz a proteção do vilarejo contra possíveis marés altas, além da presença de árvores alinhadas que ajudavam a preservar o solo e combater a erosão.

Fotografia 3 – Vista da Vila Moiraba.



Fonte: Pedro Lobo (década de 1980).

Fotografia 4 – Barranco de proteção em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Leandro Baia (2021).

Dando continuidade ao processo de povoamento da então Vila de São Benedito, de acordo com os relatos de Ronaldo Rodrigues, os “fundadores” foram repassando suas funções para as futuras gerações de suas famílias ao longo de suas vidas. Durante um certo período, os escravos da Vila de São Benedito não tinham conhecimento de sua liberdade, mesmo após a abolição da escravatura, em 1888.

De fato, os patrões não queriam que soubessem, pois assim os escravos continuariam a trabalhar, gerando fortunas para os seus senhores. O morador enfatiza que os poucos meios de comunicação que existiam no local estavam acessíveis apenas aos patrões.

Com o passar do tempo, o número de escravos aumentou, levando à construção de outra casa grande para marcar território e acomodar o crescente número de escravos. Entre os séculos XIX e XX, o povoado era comandado pelas primas Maria Paula Cotta (filha de Isidoro Cotta) e D. Zolima Cotta (prima). Com a proximidade cada vez maior entre os negros e seus patrões, foi possível ter acesso a informações externas sobre as notícias do país. De fato, foi o que aconteceu, assim relata o morador Ronaldo Rodrigues “nessa época, os escravos descobriram sobre sua liberdade e se rebelaram, se negando a cumprir certas tarefas ditas pelos seus senhores”. Pressionados, os dominadores mandaram construir duas ruas e distribuíram pequenos lotes de terra para os escravos, de forma que permanecessem sempre por perto e sob controle. Contudo, filha e prima tiveram a estratégia de pedir os filhos dos escravos como afilhados¹¹, e, segundo os relatos de Ronaldo Rodrigues, esses filhos passavam a morar com os padrinhos, formando assim uma nova geração de trabalhadores que recebiam apenas a alimentação em troca de seus serviços.

Nesse contexto, é possível refletir sobre a dificuldade dos escravos em encontrar trabalho fora dessas condições, visto que os pequenos lotes doados pelos patrões não eram adequados para plantio, enquanto a família Cotta era proprietária de quase toda a terra do perímetro. Por esse motivo, alguns descendentes da Vila Moiraba passaram a residir em outras comunidades vizinhas, incluindo Belém, devido às restrições impostas pela família Cotta quanto à posse de terras, além de outros desafios como, salários baixos, falta de moradia,

¹¹ Batizar na Igreja Católica faz com que os batizados passem a ser considerados como filhos para os padrinhos ou madrinhas, sendo estes chamados de uma segunda mãe ou um segundo pai.

falta de acesso à educação e assim como aconteceu em várias localidades do Brasil os escravizados migraram para outras regiões em busca de melhores condições de vida.

Apesar disso, o povoado ainda resiste, foi nesse período também que começam a surgir no país os movimentos negros que reivindicam melhores condições de vida acordo . De acordo com Ronaldo Rodrigues, o povo começa a progredir e se desenvolver aos poucos, lutando por seus direitos como um povo livre, tendo como o primeiro objetivo, adquirir o título de vila com o nome dado por eles. As lideranças da época foram orientadas a utilizar o nome de um antigo morador ou o nome de um afluente do Rio Tocantins para designar a vila. Por fim, escolheram o nome Vila Moiraba devido ao fato de muitos dos habitantes serem oriundos de uma ilha chamada Moiraba¹². Assim, pelo decreto da Lei Estadual nº 4.505 de 30/12/1943, o distrito de São Benedito passou a ser chamado Vila Moiraba.

Atualmente, Vila Moiraba pertence ao Quilombo São Benedito, que abrange as comunidades de Vila Moiraba, Cabanagem, Aripijó, Bacuri, Arimadeua e a comunidade de Catalão, que está em processo de inclusão¹³. O Quilombo São Benedito foi criado a partir das ideias de três moradores: Raimundo Cotta Garcia, Haroldo Lobo de Jesus e o saudoso Jorge Pinto Louzada¹⁴, além das contribuições dos demais moradores. Eles fundaram a Associação dos Moradores e Agricultores Remanescentes do Quilombo de São Benedito (AMARQUIB), que foi reconhecida como território quilombola pela Fundação Palmares no dia 5 de dezembro de 2013, recebendo a titulação de suas terras pelo governo estadual (Helder Barbalho) no dia 20 de novembro de 2021.

A Vila Moiraba atualmente possui 280 famílias distribuídas em 12 ruas¹⁵. É um povo que continua a lutar por seus direitos, mas que já conquistou muitas vitórias, especialmente com o reconhecimento do território quilombola em 2013, resultado do empenho dos moradores fundadores. Nesse contexto, Vila Moiraba atravessou o período do ciclo da borracha (ainda existem algumas seringueiras), da extração de lenha, do cacau e da castanha. Hoje, a economia local está voltada principalmente para a produção de farinha de mandioca e pesca, além de contar com servidores públicos e aposentados entre seus moradores. As manifestações culturais estão em processo de reconstrução, considerando as culturas de

¹² Pertencente ao Rio Moiraba.

¹³ Comunidades localizadas na mesma margem da Vila Moiraba (margem direita do Rio Tocantins).

¹⁴ Falecido em 12 de dezembro de 2020.

¹⁵ Dados colhidos pelo agente de saúde, senhor Ronaldo Rodrigues.

matrizes africanas. Ademais, os fenótipos da população atual segundo os escritos do perfil do Quilombo, são predominantemente afro-brasileiros (com traços como formato do nariz e da boca, cor da pele, textura e aparência do cabelo), resultado da miscigenação dos antigos exploradores do local e da imigração de escravos vindos de regiões vizinhas. Sem deixar de mencionar outras características com traços indígenas (devida a região ser habitada por povos indígenas) entres outras de pele e olhos claros (miscigenação dos exploradores) esses últimos são em minoria.

3. RIO TOCANTINS: UMA ANÁLISE DO PASSADO

Tendo em vista que os primeiros “fundadores” se instalaram em 1872 na localidade da vila em estudo, uma vez que o Rio Tocantins foi de grande utilidade para o escoamento do comércio, além dos vários recursos que esse caudaloso rio proporcionou e ainda proporciona para os moradores da Vila Moiraba e todos os povos que vivem às suas margens, iremos fazer alguns mergulhos na história desse rio para entender um pouco de sua trajetória, descrevendo-o, relatando seu papel histórico, seu significado, habitat, além das ameaças e conflitos que ainda são motivos de preocupação, especialmente em relação aos impactos ambientais¹⁶.

A princípio, o Rio Tocantins é um rio de território inteiramente brasileiro, com 2.400 km de extensão, sendo o segundo maior do Brasil, ficando atrás apenas do Rio São Francisco, que possui 2.800 km. O Rio Tocantins nasce entre os municípios goianos de Ouro Verde e Petrolina, atravessa os estados de Tocantins e Maranhão, e desemboca no Golfo Marajoara, no estado do Pará. O rio também pode ser chamado de Tocantins-Araguaia, pois se encontra com o Rio Araguaia entre os estados de Tocantins e Pará. A drenagem desses dois cursos d’água forma a Região Hidrográfica do Tocantins-Araguaia, considerada a maior bacia hidrográfica inteiramente brasileira. Nesse percurso, entre esses quatro estados (Goiás, Tocantins,

¹⁶ Nos dias 29 e 30 de março de 2023, a autora participou do Encontro de Lideranças (em defesa do Rio Tocantins), realizado em Belém do Pará, onde a principal discussão foi a construção da extensão da Hidrovia Tocantins-Araguaia. As lideranças das comunidades que sofrerão os impactos ambientais estão preocupadas, pois o projeto prevê a explosão de cerca de 35 quilômetros do local conhecido como Pedral do Lourenço. Essa localidade está situada entre Marabá e Tucuruí, no Pará. O projeto visa favorecer o fluxo de grandes embarcações carregadas de minérios e grãos. As dúvidas das comunidades que serão impactadas giram em torno das seguintes questões: Para quê e para quem é essa hidrovia? Como o governo irá resolver os impactos dessa

Maranhão e Pará), o Rio Tocantins banha um total de 29 municípios, além de atravessar dois importantes biomas brasileiros: o Cerrado e a Amazônia (Fotografia 5).

Fotografia 5 – Localização da Vila Moiraba, o Rio Tocantins e seu contexto nacional.



Fonte: Laboratório de Geoprocessamento da Universidade Federal do Pará - *Campus* de Ananindeua.

O curso do Rio Tocantins é dividido em três seções:

- **Alto Tocantins:** localizado entre sua nascente e a cachoeira do Lajeado, em Ponte Alta, no estado do Tocantins, com uma extensão de 1.000 km e 925 m de desnível.
- **Médio Tocantins:** vai da cachoeira do Lajeado até a cachoeira do Itaboca, no estado do Pará, com 980 km de extensão e 150 m de desnível.

hidrovia, se ainda não solucionou os impactos causados pela Hidrelétrica de Tucuruí? Que realidade irá se impor?

- **Baixo Tocantins:** é o segmento final do Rio Tocantins, inteiramente localizado no estado do Pará. O desnível é baixo, de apenas 25 m, e sua extensão é de cerca de 360 km.

Os afluentes do Rio Tocantins pela sua margem direita são: Rio Paranã, Rio do Sono, Rio Tocantinzinho, Rio Manoel Alves Grande, Rio Bagagem, Rio das Balsas e Rio Farinha.

Pela sua margem esquerda, os afluentes são: Rio Araguaia, Rio Santa Tereza, Rio São José e Rio Itacaiúnas¹⁷.

Levando em consideração esses contextos, é importante enfatizar que as seções do Rio Tocantins são caracterizadas por seus desníveis, de modo que, em certos trechos, o tráfego é possível apenas por embarcações menores (a remo). Ignácio Moura (1989, p. 129), ao descrever a travessia desses trechos de alto desnível, relata que, para “dar seguimento em sua viagem a bordo de um escaler de toldo, impulsionado pela força braçal à remos de faia¹⁸”. Considerando o desnível do Baixo Tocantins, é possível navegar por quase toda a sua extensão durante o período das cheias (inverno amazônico).

Ainda com base nos escritos de Ignácio Moura (1989), o autor observa que, a partir do Baixo Tocantins, o rio começa a se alargar. Nesse contexto, ao mencionar Vila Moiraba (chamada Vila de São Benedito naquele período), Moura (1989, p. 8) descreve:

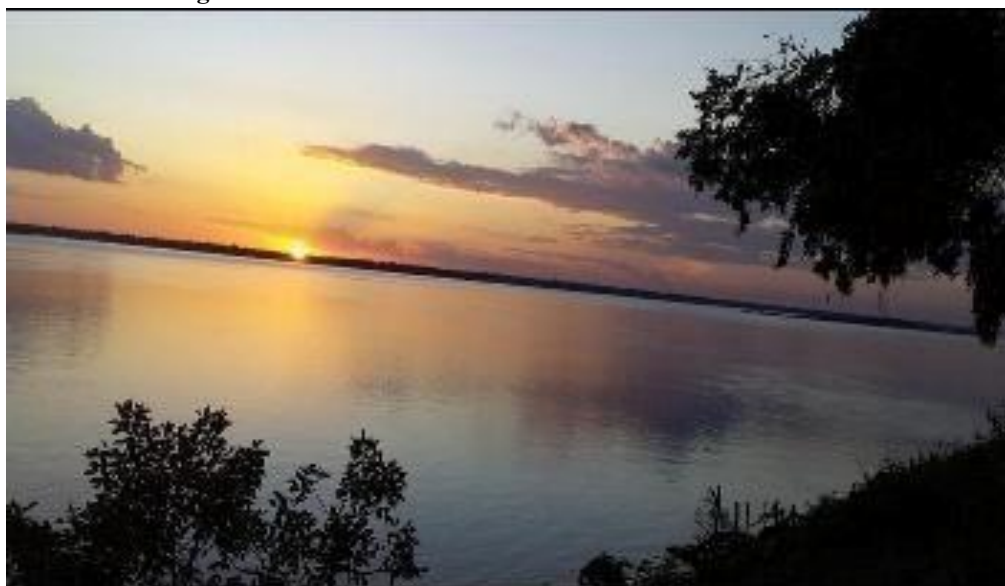
o Tocantins em frente a São Benedito, tem uma das maiores larguras do seu desenvolvimento, a que propriamente não aparece, por causa do grande arquipélago composto de extensas e numerosas ilhas e que é talvez o maior grupo insular da zona Tocantins, formando diversos distritos dos municípios de Cametá e de Mocajuba.

De fato, o Rio Tocantins possui uma grande extensão em frente à Vila Moiraba, o que possibilita a navegação de embarcações de pequeno e grande porte, além de proporcionar uma bela paisagem. A seguir, a fotografia 6 demonstra a extensão do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.

¹⁷ GUITARRA, Paloma. **Rio Tocantins**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/rio-tocantins.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹⁸ Instrumento de madeira utilizado para conduzir, com força braçal, uma embarcação sem motor.

Fotografia 6 – Extensão do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Historicamente, o Rio Tocantins foi palco de várias expedições, inicialmente motivadas pelo interesse na exploração de suas riquezas naturais ou na captura dos indígenas que viviam em suas margens. Em consonância com Kátia Flores (2006), o Rio Tocantins era um objeto de curiosidade, sem uma definição precisa de seu curso. Nesse sentido, Ignácio Moura (1989, p. 267) ressalta que:

o rio Tocantins passou a ser mais observado e considerando suas peculiaridades, a partir dos antigos colonos portugueses independentes das empreitadas de “Resgate” que os mais ambiciosos e estúpidos fizeram para aprisionar os indígenas, sem deixar registros para a ciência.

Segundo Ignácio Moura (1989, p. 267), “a primeira pessoa que a tradição registra ter entrado no Tocantins, segundo notas escritas pelo senhor Arthur Vianna, foi um padre de nome Cristóvão, o qual, em 1625 tornou a fazer sua segunda excursão”. A partir dessas primeiras incursões, intensificaram-se as explorações no Rio Tocantins, realizadas por diversas áreas do conhecimento, com o objetivo de formular projetos para um melhor aproveitamento da região, de grande importância tanto para a área local quanto para o país. “Entre o período colonial e o Império, sobretudo no último, o Rio Tocantins foi objeto de estudos técnicos elaborados por profissionais de diversas áreas” (Flores, 2006, p. 13).

Dentre essas expedições, em meados do século XVII, Feliciano Coelho de Carvalho ancorou na margem esquerda do Rio Tocantins, onde encontrou a tribo dos Camutás, já

pacificada pelo frei Cristóvão de São José de Lisboa. Em 24 de dezembro de 1635, ele fundou a Vila Viçosa de Santa Cruz do Camutá¹⁹.

Considerando esses fatos, é importante ressaltar que a Vila Moiraba é um distrito do município hoje chamado de Cametá. Nesse sentido, Júnia Furtado (2016) destaca que essas localidades surgiram a partir da exploração de minérios, do impulso colonizador, além da expansão da pecuária em direção ao Centro-Oeste.

Quanto à origem do nome, diversos estudos sobre o Rio Tocantins relatam que ele se deu em razão das tribos indígenas que habitavam suas margens. Júnia Furtado (2016) menciona que Charles Des Voux, juntamente com outros franceses vindos do Maranhão, foram os primeiros a encontrar sua foz no Amazonas. Eles então estabeleceram uma feitoria e batizaram o Rio Tocantins em homenagem à tribo indígena das proximidades.

Para compreender essa origem, destaco aqui as explicações de Ignácio Moura (1989, p. 48), que menciona escritos americanistas afirmando que:

a palavra Tocantins ou Tucantins origina-se da composição de duas palavras indígenas, Tucan- tins, que na língua Tupi significam nariz de Tucano. Com certeza assim apelidaram a grande nação que dominava naquele rio, e que tinha como característica fisionômico o nariz recurvado como o bico da ave Tucano (*Ramphastus Taco*). Onde tiraram o nome. Na Europa, o nariz aquilino indica o tipo da raça aristocratas; pois bem, os Tocantins parecem ter sido, pelo distintivo que lhes notaram, os aristocratas das raças indígenas da América do Sul.

Além dos povos indígenas, o Rio Tocantins possui uma vasta diversidade de espécies em sua fauna e flora. Ignácio Moura (1989) menciona o escritor e educador José Veríssimo, que, em seus estudos sobre a bacia fluvial amazônica, resalta que o Rio Amazonas é o mais rico em peixes de infinitas espécies, e o Rio Tocantins não é menos fértil nessa riqueza zoológica. Dessa maneira, essa imensa riqueza natural do Rio Tocantins fascina os estudiosos naturalistas pela variedade de plantas e animais. Ademais, Ignácio Moura (1989) menciona a abundância de espécies de peixes e mariscos, principalmente no baixo Tocantins. O autor pontua também que não era sua prioridade escrever sobre a viagem, mas, ao deparar-se com tamanha beleza, resolveu registrar esse majestoso rio. “É inegável que a alma humana sente um bem-estar de alegria ao descortinar o panorama do rio Tocantins” (Moura, 1989, p. 24).

¹⁹ ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 14, p. 328-329. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv.27295-14.pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

Em síntese, o Rio Tocantins é de grande importância para o abastecimento das populações que vivem em seu entorno, tanto para a pesca comercial quanto de subsistência, sendo, em muitas localidades, as “ruas” dessas comunidades. Quando se trata da economia de modo geral, considera-se o grande potencial desse rio para a navegação, além de ser fonte de água para as lavouras agrícolas e outras atividades econômicas. “O rio Tocantins sofre um longo e perseguido processo de comunicação centro-norte do Brasil” (Flores, 2006, p. 10), destaca a autora, referindo-se às várias obras que, ao longo do tempo, vêm sendo construídas no curso do rio Tocantins. Ademais, no século XIX, iniciaram-se os estudos da topografia do rio. Ignácio Moura (1989) menciona, nesses estudos, o papel do Marquês de Pombal, que chamou o Tocantins de “corredor do Brasil”, devido à sua importância para a comunicação direta com o sul do país.

Em contrapartida, Flávio Cavalcanti (2011) ressalta que, no século XX, as atenções voltaram-se para a complementação do transporte fluvial com a construção da ferrovia do Tocantins. No final desse século e início do século XXI, surgiram novos projetos rodoviários e hidroviários como forma de integração.

Ademais, novos estudos continuam sendo realizados para futuras hidrovias no Rio Tocantins, focando nos benefícios econômicos para o país. Contudo, outros problemas ambientais também devem ser considerados, como o desmatamento da mata ciliar, a construção de represas (hidrelétricas) e os resíduos das atividades econômicas (mineração e agropecuária), que têm sido observados como ameaças ao ecossistema, transformando o modo de vida de toda a população que mora às margens do rio²⁰.

À vista disso, o rio e seus elementos contribuíram para a formação da sociedade. Kátia Flores (2006) pontua que, dessa relação entre homem e rio, formou-se uma sociedade cujo modo de vida depende e continua a depender dessa fonte de recursos naturais.

No que tange à sociedade brasileira, José Augusto Pádua e Rafael Chambouleyron (2019) destacam que, em sua diversidade, a sociedade brasileira se formou com a contribuição dos grandes complexos fluviais, interagindo de forma incessante nos âmbitos geográfico,

²⁰ Essas são as preocupações das comunidades que serão impactadas pelo projeto de destruição do Pedral do Lourenço (Baixo Tocantins), visto que se trata de um projeto político que beneficia o capitalismo. No encontro de lideranças em 2023, realizado em Belém do Pará, os líderes comunitários mencionaram que entendem a importância do rio em sua função social, mas que os direitos devem ser garantidos independentemente de construções hídricas. Ressaltaram que as compensações são finitas, enquanto os impactos se prolongam por muito tempo. Portanto, os órgãos responsáveis precisam estudar não apenas o objeto de construção, mas, principalmente, o modo de vida dos moradores que vivem em seu entorno.

econômico e cultural. Maria Silveira (2014) também ressalta a importância do rio, enfatizando que foi em suas margens e por meio dele que o Brasil se consolidou como nação.

Diante desses fatos, conclui-se que o rio fez e faz parte da vida de muitas pessoas, sendo, com suas ações e experiências, fonte de memórias e perspectivas para o presente e o futuro, constituindo um elemento fundamental na organização da identidade cultural.

4. A RELAÇÃO DOS MORADORES DA VILA MOIRABA COM O RIO TOCANTINS: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Sob o mesmo ponto de vista, e com base no que foi dito anteriormente, ousou mergulhar na história da relação dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins, a fim de conhecer a interação que esse povoado teve e ainda mantém com esse recurso natural, buscando refletir sobre a perspectiva ambiental²¹. Haja vista que a localidade é cercada pela natureza e que o Rio Tocantins complementa essa beleza natural, é relevante considerar que as questões ambientais vêm sendo cada vez mais discutidas devido aos diversos problemas que ocorrem no mundo. Dessa forma, refletir sobre as vivências desses moradores com o ambiente fluvial possibilita identificar as transformações em seu modo de vida, captando e explorando as histórias e memórias em uma dialogicidade analítica dos relatos narrados.

Portanto, conhecer a história das vivências desses moradores com o Rio Tocantins é também compreender o processo construtivo de sua relação com o ambiente, reconhecendo que esses indivíduos são parte ativa desse processo. Optei, assim, por uma abordagem baseada na perspectiva ambiental, considerando a importância da História Ambiental. Esta área visa repensar as interações entre os sistemas sociais e naturais, analisando as consequências dessas interações ao longo do tempo. Em consonância com Donald Worster (1991, p. 199), que “rejeita a premissa convencional de que a experiência humana desenvolveu sem restrições naturais, de que os homens são uma espécie distintas supernatural, de que as consciências ecológicas de seus feitos passados podem ser ignoradas”, percebe-se a relevância dessas análises. Nesse contexto, em 1972, as questões ambientais ganharam mais atenção após a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na qual foram estabelecidos o “Plano de Ação Mundial” e a “Declaração sobre o Meio Humano” (Brasil, 1991). Foi nessa conferência que se definiram as orientações para a educação ambiental.

²¹ Consiste na maneira como o ser humano compreende o meio ambiente.

Este estudo, portanto, baseia-se em conhecer as experiências dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins, levando em consideração as reflexões ambientais. Trata-se de uma interpretação a partir do conhecimento da história da vila, da origem do rio e da relação entre ambos ao longo do tempo. Circe Bittencourt (2004, p. 166) chama a atenção para o “cuidado de não situar os temas da vida cotidiana de forma isolada dos contextos históricos e dos temas tradicionais”, algo que orienta nossa análise. Assim, seguiremos o estudo analisando as relações dos moradores com o Rio Tocantins por meio de seus relatos e da observação do espaço. Esses moradores interagiram e continuam a interagir com o rio de forma geográfica, econômica e cultural.

Conforme mencionado anteriormente, os irmãos Isidoro e João Cotta chegaram à vila em 1872, segundo relatos de Ronaldo Rodrigues, estabelecendo-se e dominando as margens do Rio Tocantins, centralizando a economia da região em sua sede de moradia (anteriormente fundada como Vila de São Benedito). Como o Rio Tocantins era objeto de curiosidade e exploração por muitos, para essa família não foi diferente. Eles construíram suas casas próximas ao rio e comercializavam seus produtos por meio dele. Ignácio Moura (1989) destaca que cada morador construía seu trapiche para uso próprio. Ronaldo Rodrigues também relata que os moradores armazenavam lenha nesses trapiches para vender às embarcações que passavam uma vez por mês.

A fotografia 7 a seguir é da casa do último morador que viveu à beira do rio, o senhor Benício Cotta de Moraes, e sua esposa, Francisca Tocantins Moraes, conhecidos pelos moradores como “Bizonga” e “Chiquita”, respectivamente. Essa família viveu nesse local até a década de 1990. Considerando os problemas ambientais, segundo o morador Altair Alberto Lobo, a coordenação da comunidade de Vila Moiraba dialogou com a família e outros moradores para evitar a construção de moradias na beira do rio. Sugeriram que a família se deslocasse para outro terreno de sua posse em terra firme, pois a casa à beira do rio não possuía fossa, o que estava causando problemas ambientais e desconforto para os moradores que desciam ao rio para tomar banho. Houve, então, bom senso e conscientização por parte dos moradores. Atualmente, alguns moradores que possuem casas na rua em frente ao rio constroem trapiches para lazer, o que pode representar um problema a ser discutido pela comunidade, uma vez que esses trapiches são privados além de modificarem a paisagem natural.

Fotografia 7 – Última casa construída à margem do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Fotografia cedida por Vanda Lira (décadas de 1980/1990).

No século XIX, os irmãos Isidoro e João Cotta construíram um estaleiro às margens do rio, onde mandavam construir e consertar suas embarcações. No século XX, esse estaleiro pertenceu ao senhor Francisco Lira. Sobre esse trapiche, obtivemos depoimentos de seu filho, também chamado Francisco Lira, mais conhecido como “Seu Chico”.

O senhor Francisco Lira (80 anos) relata que, em 1950, seu pai comandava o estaleiro, localizado próximo ao trapiche principal. Eles recebiam várias embarcações para reparos, como pintura, nivelamento e até construção de barcos. Esse estaleiro oferecia emprego para muitos moradores locais, de acordo com suas habilidades, e também contratava aprendizes. Alguns moradores trabalhavam em navios que transportavam castanha para Tucuruí e Marabá, enquanto outros, com embarcações menores, comerciavam produtos, como pão de tapioca e farinha de mandioca, nas ilhas próximas. Segundo o entrevistado Francisco Lira, os barcos construídos no estaleiro incluíam o Américo Silva, o Marabaense e o Francisco Lira (posteriormente renomeado Floriano Neto). O senhor Francisco Lira continuou seu relato, dizendo:

eu comecei trabalhar com meu pai em 1960, viajava no Floriano neto e trabalhava como piloto, no transporte de castanha do Pará de Tucuruí para Belém, outras vezes de marabá para Belém, algumas vezes a gente parava no Porto da vila e saía de madrugada. Em 1972 começamos a construir um barco para vim de vez pra Belém, quando terminamos viemos embora pra cá, e aqui vendemos o barco e compramos um terreno para construir nossa casa, onde estamos até hoje.

A seguir, as fotografias 8 e 9 mostram o espaço do antigo estaleiro mencionado pelo senhor Francisco Lira. Após a partida de sua família para a capital, Belém, em 1972, o estaleiro ficou inativo, passando a ser utilizado apenas para guardar as canoas dos pescadores, como podemos observar nas fotos. Vale ressaltar que, nesse local, a vegetação avançou e há um igarapé.

Fotografia 8 – Espaço onde se localizava o estaleiro da Vila Moiraba na década de 1980.



Fonte: Pedro Lobo (1980).

Fotografia 9 – Espaço onde se localizava o estaleiro da Vila Moiraba atualmente.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Dando sequência a esses contextos históricos, os entrevistados da pesquisa relataram os tipos de transporte utilizados por eles em meados do século XX, considerando que, naquela época, os moradores se locomoviam mais frequentemente pelos rios. Segundo os

entrevistados, esses transportes eram feitos em barcos à vela ou remos de faia. Eles iam e vinham de Mocajuba²² para a cidade de Cametá, além das ilhas, e o tempo dessas viagens dependia do vento ou das condições da maré. Com o passar do tempo, surgiram os barcos a motor, e durante alguns anos essas embarcações partiam de madrugada, por volta das 3h, para chegar à cidade de Cametá. Nessas viagens, os moradores iam resolver assuntos pessoais, como, por exemplo, ir ao médico, receber algum pagamento ou até mesmo realizar vendas.

As viagens para a capital, Belém, eram feitas em embarcações maiores, duas vezes por semana, aos domingos e quintas-feiras, a partir das 14h. A embarcação vinha de Mocajuba, parava no trapiche de Vila Moiraba para pegar os passageiros e seguia para a cidade de Cametá, de onde partia às 19h rumo a Belém. A viagem durava cerca de 12 horas. O retorno de Belém para Mocajuba ocorria às quartas-feiras e aos sábados.

Nesses dias de viagem, muitas pessoas se aglomeravam no trapiche e na balaustrada²³ em frente à Vila Moiraba para ver quem chegava, receber ou mandar alguma encomenda, ou saber quem estava partindo, principalmente durante as festividades do padroeiro São Benedito no mês de novembro, ou em outros eventos locais, como festivais de clubes de futebol, entre outros. Geralmente, os barcos no retorno de Belém passavam a partir das 8h, dependendo da maré ou do tempo necessário para descargas de mercadorias no porto de Barcarena e Cametá. Havia também embarcações que seguiam para Tucuruí e Marabá. As embarcações mencionadas pelos moradores foram: Jubileu, Rodrigues Alves, Bom Jesus, Chatinha, Lustre, 3 de Outubro, Santa Maria, Dom Bosco, Jacarecaia, Azi Mutran, e Benedito Mutran.

Por sua vez, a moradora Maria Tereza (48 anos) compartilhou suas memórias sobre as embarcações:

quando chegava sábado, a gente ficava feliz, ia chegar o barco de Belém, uma ansiedade se ia chegar alguma coisa pra gente, alguma carta, algum parente. A gente acordava cedo pra ir lá pra ponte pra ver quem ia chegar. Quando chegava a época da festa de São Benedito a gente ficava feliz que o barco vinha soltando pistolas, muitos moradores vinham pra cá passar a festa, aí a gente ficava alegre que vinha amigos (as) pra gente brincar, tomar banho no rio.

²² Município do Pará localizado no Baixo Tocantins.

²³ Parapeito feito de madeira que protegia a ladeira entre o barranco e o rio.

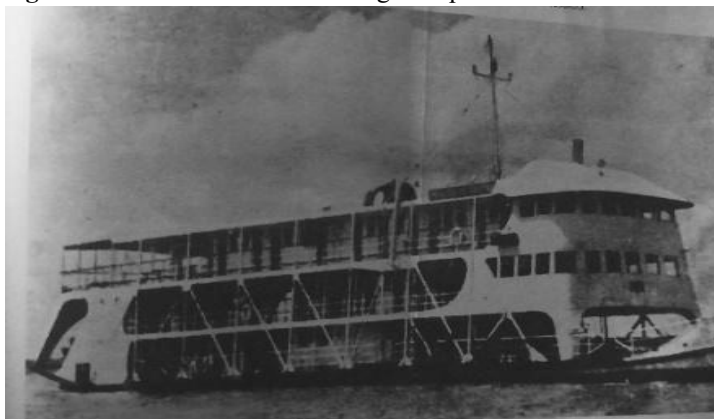
A seguir, apresento algumas fotografias das embarcações que faziam viagens para Belém, Marabá, Mocajuba, Cametá, entre outras localidades, e que paravam em Vila Moiraba. Os barcos das fotografias 10 e 11 faziam o trajeto de Belém até Tucuruí e Marabá, enquanto os das fotografias 12 e 13 viajavam de Belém até Mocajuba. Na fotografia 14, percebe-se uma embarcação partindo, com um aceno no canto esquerdo da fotografia e algumas pessoas no trapiche.

Fotografia 10 – Navio 3 de outubro navegando pelo Rio Tocantins em 1934.



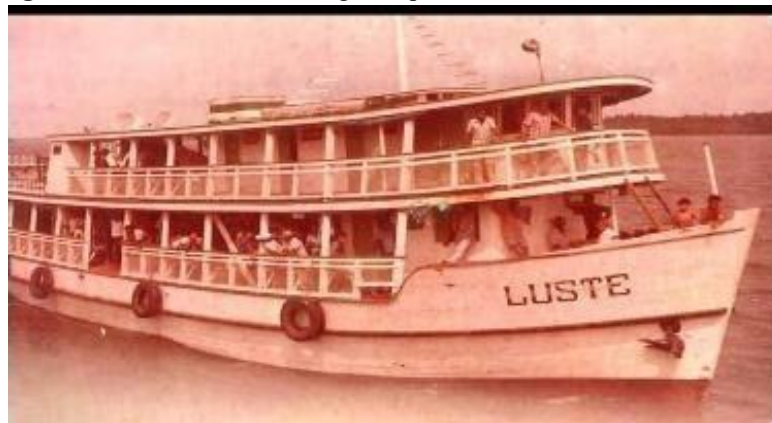
Fonte: Salomão Larêdo (2013).

Fotografia 11 – Navio Chatinha navegando pelo Rio Tocantins em 1934.



Fonte: Salomão Larêdo (2013).

Fotografia 12 – Navio Luste navegando pelo Rio Tocantins na década de 1980.



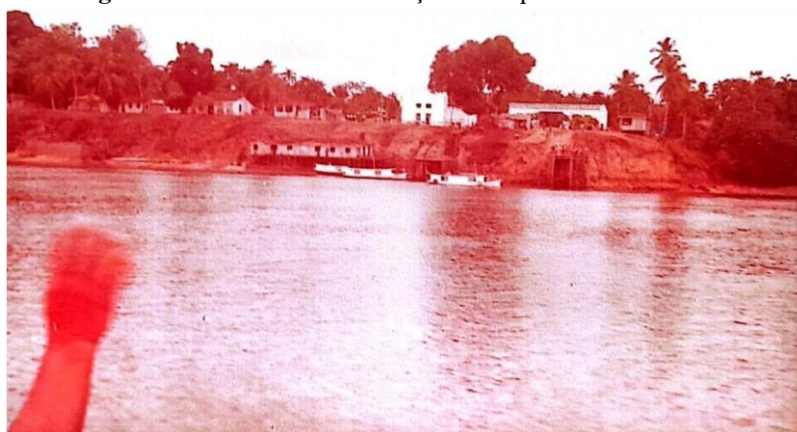
Fonte: Fotografia cedida por Geovane Baia (década de 1980).

Fotografia 13 – Navio Jubileu navegando pelo Rio Tocantins na década de 1980.



Fonte: Fotografia cedida por Geovane Baia (década de 1980).

Fotografia 14 – Saída de embarcação do trapiche da Vila Moiraba.



Fonte: Pedro Lobo (década de 1980).

Contudo, à medida que as transformações ocorrem ao longo do Rio Tocantins, os moradores também mudam sua forma de interagir com ele. Os grandes projetos mencionados anteriormente (ferrovias, rodovias e hidrovias) afetam direta e indiretamente as populações ribeirinhas do Tocantins, e para os moradores da Vila Moiraba não é diferente. Vale destacar

que essas mudanças tecnológicas estão relacionadas aos avanços da Segunda Revolução Industrial no Brasil (meados do século XX). Com as inovações nas embarcações, a maioria dos moradores trocou os remos de faia por motores (atualmente, apenas os pescadores ainda utilizam o remo de faia). Os barcos mais lentos deram lugar a embarcações mais rápidas. A viagem para a cidade de Cametá tornou-se mais rápida; se antes durava, em média, 3 horas, hoje dura de 45 minutos a 1 hora. A viagem para a capital, Belém, também mudou. Se antes era feita por barcos, durando uma noite inteira (cerca de 12 horas), com a construção do complexo viário do Pará, a Alça Viária – uma rodovia inaugurada em 2002 pelo governador Almir Gabriel, que integra a Região Metropolitana de Belém ao interior do estado (Setran, 2018) –, essa viagem passou a ter uma duração média de 4 horas, agora por meio de transporte rodoviário. Atualmente, com a construção de mais duas pontes – uma sobre o Rio Meruú e outra sobre o Rio Igarapé-Miri –, as viagens tornaram-se ainda mais rápidas e possíveis a qualquer hora do dia (nas duas últimas pontes anteriormente tinha que esperar a balsa para atravessar).

A seguir, algumas fotografias dos meios de locomoção que mudaram com os avanços tecnológicos. De fato, tais avanços trouxeram várias inovações tanto para as indústrias quanto para o mercado, impactando diversos aspectos da sociedade. Nesse contexto, também houve mudanças significativas para os moradores da Vila Moiraba no que se refere à locomoção fluvial. Na fotografia 15, há a demonstração de um barco que os moradores chamam de “expresso”, enquanto na fotografia 16, pode-se observar canoas com motor. Em ambas as imagens, nota-se que as embarcações tornaram-se mais rápidas. Já na fotografia 17, temos o complexo viário de pontes e estradas, a Alça Viária, construída para integrar a Região Metropolitana de Belém ao interior do Pará. Essa integração facilitou o deslocamento dos moradores da Vila Moiraba até a capital, tornando-o mais ágil e acessível.

Fotografia 15 – Embarcação que faz viagem para a cidade de Cameté.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 16 – Canoa com motor chamada pelos ribeirinhos de rabetá.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 17 – Complexo Viário sobre o Rio Guamá - Alça Viária.



Fonte: Google Imagens (2019).

Combinando o sentido simbólico do rio com a memória coletiva, é possível entender a relevância deste elemento na condução da pesquisa. De acordo com Jacques Le Goff (2007, p. 477), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual e coletiva”. Nesse sentido, Roseli Sousa pontua que, “a imagem do rio é identitária e não se

limita à sua condição fisiográfica” (Sousa, 2010, p. 59). Com esses aspectos em mente, os relatos de alguns moradores reforçam que o rio, como símbolo da cultura local, era referenciado pela porfia²⁴ (manifestação cultural) e pelo tradicional banho de rio na noite de São João. Embora essa manifestação cultural tenha passado por algumas modificações entre os séculos XX e XXI, o rio continua sendo parte fundamental dela.

Dona Mariana, de 82 anos, relatou que a primeira manifestação do mastro (meados do século XX) se chamava porfia e ocorria no mês de maio, durante a festividade do Divino Espírito Santo. Sobre essa tradição, Dona Mariana comentou o seguinte:

a gente se reunia pra fazer a porfia no rio, cada um no seu casco remando, era 11 aporfiando no rio pra pegar o mastro que vinha lá da cabanagem, e quem pegasse o mastro primeiro, esse seria o dono do mastro pra fazer a passeata na rua, aonde a gente vinha pra frente da igreja enfeitar e arribar o mastro e depois de terminar as nove noites da festividade, a gente ia derrubar o mastro, cada morador dava uma machadada no mastro. Depois que era derrubado, a gente jogava de novo no rio, quem pegasse a bandeira que ficava no alto do mastro esse seria o responsável em fazer a bandeira do ano seguinte. O significado de enfeitar o mastro simbolizava a fartura, por isso a gente enfeitava sem deixar aparecer nada do tronco, para que não faltasse o peixe, o camarão o aviú, era isso que simbolizava o enfeite do mastro, pra não faltar nada no nosso rio.

No século XXI, não se chama mais porfia; foi substituída pela “elevação do mastro”, desta vez para anunciar a festividade de São Benedito, no mês de novembro. A mudança é que agora não há mais a porfia no rio, e a manifestação começa nas ruas da vila.

O morador Altair Alberto Lobo, que faz parte da coordenação da festividade, relata que essa manifestação ocorre de forma mais moderna, no estilo do Carnaval:

antes as pessoas iam buscar o mastro no rio e subiam para enfeitar e elevar, agora o mastro começa na rua, e depois de cortado (no final da festividade) é jogado no rio, que segundo a tradição, é para abençoar os pedidos feitos pelos devotos durante a festividade, uma benção dada por São João Batista, baseada na história bíblica sobre o rio Jordão.

A seguir, fotografias demonstram as manifestações da elevação e derrubada do mastro. Em cada imagem, um ritual é realizado pelos moradores. Na fotografia 18, os moradores carregam o mastro nos ombros e caminham pelas ruas da vila; na fotografia 19, cortam o

²⁴ Competição no rio, movida à força braçal, utilizando-se de canoas e remos de faia.

mastro em frente da igreja; e, na fotografia 20, carregam-no para jogá-lo no rio. Portanto, as imagens mostram uma conexão entre os moradores, a religião e o rio.

Fotografia 18 – Passeata do mastro nas ruas da Vila Moiraba.



Fonte: Janaína Campos (2019).

Fotografia 19 – Derrubada do mastro em frente à Igreja de São Benedito.



Fonte: Nazaré Lobo (2022).

Fotografia 20 – Moradores conduzindo o mastro para jogar no Rio Tocantins.



Fonte: Nazaré Lobo (2022).

Em uma mudança mais recente, em 2023, a elevação do mastro não seguiu o estilo de Carnaval. Nessa nova versão, a passeata do mastro foi realizada junto com a procissão das velas, acompanhando a imagem de São Benedito. Nesse cortejo, o grupo cultural “Flores do Campo: Vivas e Ativas” participou com suas saias coloridas, cantando e dançando ao som dos cânticos de São Benedito. A derrubada do mastro, no final da festividade de São Benedito, foi ao som de banguê²⁵, tocado pelo grupo cultural “O Vermelhão”, da comunidade de Cabanagem (segundo relatos de Aldair Lobo, uma das coordenadoras do grupo cultural). A moradora continua com seus relatos, dizendo: “estamos reconstruindo nossa cultura, o estilo Carnaval não estava fazendo sentido para a festividade, porque estava sendo levado muito para o lado profano”.

A seguir, as fotografias 21 e 22 demonstram a manifestação do mastro em sua versão mais recente, desta vez com a inclusão dos grupos culturais locais, de forma a enfatizar as características da identidade local.

Fotografia 21 – Grupo cultural “Flores do Campo: Vivas e Ativas” e população na manifestação de elevação do mastro.



Fonte: Acervo da comunidade (2023).

²⁵ Trata-se de uma manifestação cultural com características históricas que fortalecem a memória de resistência na região. Geralmente, nas letras musicais, o grupo canta a história de vida de sua comunidade.

Fotografia 22 – Grupos culturais “Flores do Campo: Vivas e Ativas” e “O Vermelhão” na derrubada do mastro.



Fonte: Graciele Baia (2023).

Vale ressaltar que, após a derrubada do mastro, mesmo nesta nova versão, os moradores o jogam no rio como um símbolo de agradecimento.

Sobre o banho de rio na noite de São João, a moradora Maria Xavier Alves relata que:

na noite de São João a gente sempre fazia o chocolate pra tomar com farinha de tapioca e gemada²⁶, a gente esperava dá meia noite e descia lá pro rio pra tomar banho, como símbolo de purificação do corpo e da alma, vindo de lá a gente passava a fogueira³⁰ e tomava o chocolate.

O banho de rio na noite de São João é pouco praticado em Vila Moiraba, uma mudança que ocorreu com a chegada da energia elétrica. Poucas famílias acendem fogueiras e, tampouco, tomam banho no rio na madrugada do dia de São João. Atualmente, as manifestações no mês de junho estão mais voltadas para as quadrilhas juninas, que incorporam adaptações e misturam a cultura afro-brasileira.

Em suma, essas mudanças são reflexo de vários fatores, como avanços tecnológicos, eventos históricos, migração, interação cultural e influência da mídia. Podemos refletir sobre o modo de vida dos moradores da Vila Moiraba. No meio do século XIX, havia mais pescadores, e muitos tinham seus cascos²⁷ e remos de faia. Era dessa forma que faziam suas

²⁶ Uma espécie de energético natural, o chocolate é extraído do cacau de forma artesanal pelos moradores locais.

³⁰ Passar pela fogueira era um gesto comum realizado pelos moradores ao redor dela. Geralmente, duas pessoas davam-se as mãos de um lado e outro da fogueira e diziam: “Santo Antônio disse e São Pedro confirmou, que (nome da pessoa) vai ser minha/meu compadre/comadre, padrinho/madrinha, afilhado/afilhada, como Jesus Cristo mandou”. A fogueira era o símbolo de confirmação desses gestos.

²⁷ As canoas eram feitas de troncos de árvores.

homenagens durante a festividade, quando falamos da porfia. Com a escassez de peixes, devido à construção da barragem de Tucuruí, muitos moradores mudaram seu modo de vida, buscando outras atividades para sua subsistência. Além disso, os avanços tecnológicos também transformaram os tipos de embarcações. O relato do integrante do grupo cultural “Flores do Campo: Vivas e Ativas”, Aldair Lobo, sobre a mais recente mudança na manifestação do mastro, mostra que a comunidade está se adaptando às novas realidades e influências. Hoje, Vila Moiraba faz parte de um território quilombola, e as adaptações nas quadrilhas juninas são expressões culturais importantes para a identidade dessa comunidade.

No contexto da relação com o Rio Tocantins, em meados do século XX, segundo os relatos dos entrevistados, os moradores da Vila Moiraba, tinham na pesca artesanal a base de sua segurança alimentar. Utilizavam redes e apetrechos adequados para capturar uma certa quantidade de peixes e mariscos, garantindo o sustento familiar.

Todos os entrevistados mencionaram a abundância de peixes e a variedade de espécies no rio. Entre elas, estavam o mapará, filhote, tucunaré, dourada, pescada, caratinga, mandií, aracu, entre outros, além de mariscos como o camarão e o aviú. Para pescar, os moradores fabricavam suas próprias armadilhas, como cacuri, tapagem, pari, puçá, caniço, espinhel, cambóia, paredão e malhadeira. Para a captura de camarões, usavam o matapi²⁸. Casco e remo eram os meios de locomoção durante a pesca. A maioria dos moradores entrevistados relatou, como um fato histórico, a fartura que existia no rio, de onde tiravam o alimento que sustentava suas famílias, como afirma o morador Sebastião Hélio: “o rio ajudou muito a criar nossos filhos, porque naquele tempo tinha muita fartura de peixe e camarão, nós tirávamos do rio pra manter nossos filhos e sustentar eles”.

Mesmo com a escassez de peixes, alguns moradores ainda utilizam a pesca artesanal, como demonstram as fotografias 23, 24 e 25 a seguir.

²⁸ MOURA, Ignácio Batista. **De Belém a S. João do Araguaia**: Vale do Tocantins. Belém: FCTPN/Secult, 1989. Nas páginas 71 a 76, o autor descreve as características dos objetos de pesca.

Fotografia 23 – Canoa (casco) e remo de faia.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 24 – Pescadores preparando sua malhadeira.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 25 – A pescaria.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Segundo os moradores, a fartura acabou devido à construção da usina de Tucuruí, que, conforme Salomão Larêdo (2022, p. 25), em sua obra *Baixo Tocantins*, pontua: “a Eletrobrás Eletronorte, construiu sem permissão ao povo do baixo Tocantins, a hidrelétrica em Tucuruí,

que produz quase 11 megawatts de energia elétrica”. No entanto, as poucas espécies que ainda se encontram no Rio Tocantins, em frente à Vila Moiraba, continuam sendo alimento para muitas famílias que dependem do rio para sua subsistência. Atualmente, segundo relatos da maioria dos moradores, os pescadores passam um período mais longo no rio, diferente da época anterior à construção da barragem.

Vale destacar também que, antes da construção da hidrelétrica de Tucuruí, os moradores da Vila Moiraba tinham mais contato com o rio. Além de pescar, tomar banho e utilizá-lo para locomoção, esse povo também usava o rio para seus serviços domésticos. Todos os entrevistados relataram que, no passado, o contato com o rio era maior, seja para tomar banho, lavar roupas, louças ou para o abastecimento de água.

Dona Maria Olinda relatou que: “antigamente ia muita gente lavar roupa no rio, ficava cheio de gente lavando roupa e carregavam água na lata para abastecer a casa”.

Além da lata para carregar água, as moradoras Maria das Graças (Dona Gracinha) e Mariana Fiel relatam que utilizavam também o balde de cuia e o balde de jamaru para o abastecimento de água. As fotografias 26 e 27 a seguir demonstram o balde de cuia e o balde de jamaru mencionados pelas moradoras. Frutos colhidos da natureza transformavam-se em utensílios domésticos.

Fotografia 26 – Árvore de cuia (o balde é feito da fruta).



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 27 – Planta do jamaru.



Fonte: Google Imagens (s/d).

Convém lembrar que essa prática de utilizar a natureza para fazer utensílios domésticos é uma herança deixada pelos indígenas, assim como o uso de canoas e remos. A moradora Maria das Graças relata que esses baldes eram retirados do terreno de seu pai. Ou seja, a natureza também fornecia elementos (utensílios) para as atividades cotidianas.

Verifica-se, ainda, que a busca pelo rio para esses serviços domésticos, atualmente, só ocorre quando há falta de energia, pois o abastecimento de água é movido a energia elétrica. Em uma observação de campo, em um dia de falta de energia, foi possível ver alguns moradores com bacias de roupas ou louças lavando-os no rio, além de outros buscando água para abastecimento. Nesse contexto, é importante enfatizar os apontamentos de Wesley Kettle e Estevão Barbosa (2022), que se referem ao rio como um participante ativo do cotidiano de quem reside às suas margens.

Dessa maneira, sempre que falta energia, o rio se torna a opção para os moradores realizarem seus serviços domésticos. Apesar das mudanças e das influências da modernidade, essas necessidades estreitam a relação entre as pessoas e o meio ambiente, oportunizando uma reflexão sobre a importância do cuidado que os moradores devem ter com rio, que ainda é um refúgio em muitas necessidades.

A seguir, as fotografias 28, 29 e 30 demonstram alguns moradores utilizando o Rio Tocantins para seus serviços domésticos.

Fotografia 28 – Moradora lavando louças.



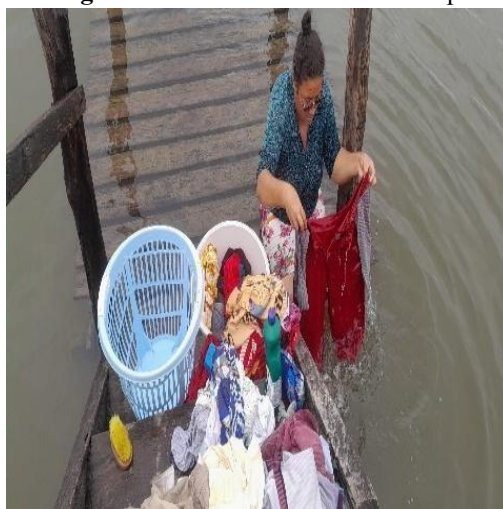
Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 29 – Morador pegando água do rio.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 30 – Moradora lavando roupas.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

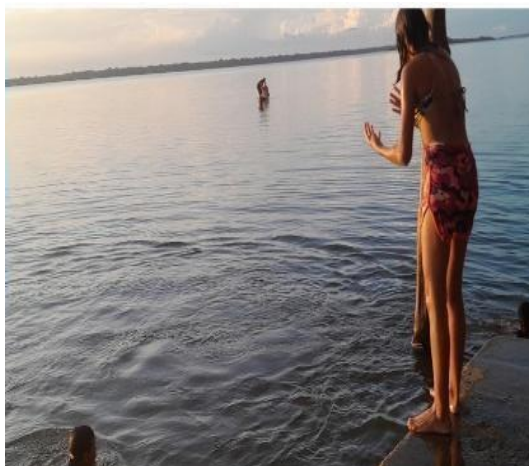
Outro aspecto importante é o banho no rio, que pode ser compreendido como uma forma de lazer. Todos os entrevistados mencionaram o hábito de tomar banho no rio e de pular do trapiche, especialmente quando eram crianças (na década de 1940), conforme relataram os mais idosos.

O morador Manoel Arnaud, de 91 anos (conhecido como Café Bom), menciona: “quando eu era criança, a gente pulava muito na água e brincava na beira do porto”. Por sua vez, Dona Maria Xavier (94 anos) relata que: “quando eu era criança, eu não gostava de estar em casa, gostava de estar nivelando o rio, de estar na beira do rio”. A moradora Maria Tereza (48 anos) conta: “a gente se divertia muito no rio com os amigos, a gente fugia da nossa mãe pra tomar banho no rio, quando a gente subia apanhava (risos) a gente gostava muito de brincar, pular da ponte, ficava tão feliz”.

Essa atividade continua mesmo com energia nas casas. Em uma pesquisa de campo, foi possível observar que as crianças gostam de brincar nas águas do rio, e a brincadeira se torna mais divertida quando o rio está em seu nível mais alto. Além disso, o Rio Tocantins, em frente à Vila Moiraba, é também atrativo para o turismo, pois possui águas limpas e claras, além de uma paisagem exuberante que torna o pôr do sol ainda mais encantador. Muitos visitantes, ao passarem por esse local, geralmente desejam retornar, sempre exaltando a belíssima natureza.

As fotografias 31, 32 e 33 a seguir demonstram momentos de lazer e contemplação durante o pôr do sol. Em ambas, o rio Tocantins revela suas particularidades: para as crianças, ele é sinônimo de diversão e brincadeira, enquanto para outros banhistas, representa relaxamento, lazer e apreciação do pôr do sol, que, em conjunto com o rio, forma uma paisagem ainda mais exuberante.

Fotografia 31 – Crianças pulando do trapiche.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 32 – Moradores e visitantes em momento de lazer.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 33 – Pôr do sol em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aqui serão abordados todos os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, descrevendo-se os procedimentos necessários e úteis para compreender a relação dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins, de forma a refletir sobre a perspectiva ambiental.

Este estudo tem como finalidade realizar uma pesquisa básica, uma vez que gera conhecimento, focando na melhoria de estudos já existentes.

Para alcançar os objetivos propostos e permitir uma melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem quali-quantitativa. Com o intuito de conhecer melhor a origem da Vila Moiraba, utilizou-se o perfil do quilombo, escrito pelo morador e professor

aposentado da Universidade Federal do Pará (UFPA), Raimundo Cotta Garcia, que conta em seus escritos a saga de sua família nos meados do século XX. Este documento foi utilizado para o reconhecimento do território quilombola (atualmente Quilombo São Benedito). Esse reconhecimento foi feito pela Fundação Palmares em 16 de março de 2013.

Utilizaram-se também os relatos do morador Ronaldo Rodrigues Pinto, formado em Educação do Campo pela UFPA, o qual possui uma pesquisa sobre a história da Vila Moiraba, na qual relata a origem da vila, seus costumes, crenças, tradições e economia. Ambos, em suas pesquisas, baseiam-se em relatos orais. Para reforçar alguns fatos desses dois escritos, utilizei como base a obra de Ignácio Baptista Moura, de 1989, intitulada *De Belém a São João do Araguaia – Vale do Tocantins*. Nesse livro, o autor relata sua passagem pela Vila de São Benedito (como era chamada na época) e faz algumas descrições da vila, da paisagem, da cultura e do Rio Tocantins.

Além dessas referências, utilizou-se a Hemeroteca, onde foram encontrados alguns documentos que mencionam um dos fundadores da vila e a elevação de Vila Moiraba em 1943.

Para compreender a relação dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins, utilizou-se a memória dos entrevistados, a qual permitiu um mergulho nessas histórias e vivências de interação com o Rio Tocantins, estabelecendo um diálogo com outros autores na condução dessa história com uma perspectiva ambiental. A pesquisa foi realizada no período de janeiro a novembro de 2023.

Optei por uma abordagem da relação dos moradores da Vila Moiraba (Cametá) com o Rio Tocantins, no âmbito da perspectiva ambiental, para estabelecer uma conexão entre a origem do Rio Tocantins, a origem da Vila Moiraba e as relações desses moradores com o rio. Considerando que essa localidade possui poucos registros sobre sua história, e, portanto, poucos moradores têm conhecimento da história local, trago a perspectiva ambiental como base, fundamentada nas práticas que se mantêm entre os moradores e o Rio Tocantins.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram gravações e filmagens em celular, além de um questionário com sete perguntas. Em algumas entrevistas, não se seguiu a formalidade do questionário, mas sim uma conversa mais informal com o entrevistado, o que se mostrou bastante interessante. As perguntas do questionário tinham como objetivo identificar as atividades passadas e presentes relacionadas ao Rio Tocantins, bem como a

importância desse rio para os moradores. Os entrevistados somaram um total de 18 pessoas, com idades entre 48 e 94 anos.

Os procedimentos para a realização das coletas incluíram a solicitação de agendamento e o consentimento para divulgação das falas e imagens, o que foi prontamente aceito pelos moradores. Em uma observação de campo, foi possível entrevistar moradores que estavam realizando atividades domésticas no rio. Cada entrevistado apresentou um volume de narrativa de acordo com sua idade. Os mais velhos relataram suas vidas desde a infância até o momento atual, enquanto os mais jovens relataram as vivências de seus pais e as suas próprias, tanto no passado quanto na atualidade.

A construção do texto foi sendo desenvolvida ao longo da pesquisa, ajustando-se a cada escrita a necessidade de mais investigação. Algumas mudanças conceituais foram realizadas a pedido do orientador, o que exigiu estudos adicionais. O texto se inicia em uma dimensão histórica contemporânea. O universo da pesquisa incluiu 18 entrevistados de ambos os gêneros, com idades entre 48 e 94 anos²⁹, sendo 10 mulheres e 8 homens, além de observações de campo.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todos os entrevistados relataram, por meio de suas memórias, atividades relacionadas ao rio, tais como: pesca, banho, locomoção, atividades domésticas, lazer, trabalho e lendas contadas por seus pais ou vivenciadas pessoalmente. Tendo em vista que, “mais do que maravilhas da natureza, os rios têm tudo a ver com nossa cultura, nossa história e nosso afeto” (Silveira, 2014, p. 17). Independentemente de sua coloração, correnteza ou estado de poluição, Maria Silveira (2014) analisa que os rios refletem nossa vida, origem, desenvolvimento, cegueiras, contradições, nosso passado e presente.

Nesse contexto, resgatar memórias por meio de monumentos, da história dos moradores e dos próprios acontecimentos locais é, para Circe Bittencourt (2004, p. 68), uma forma de evidenciar que “a memória é, sem dúvida, um aspecto relevante na configuração de uma História Local, tanto para historiadores quanto para o ensino”. Assim, falar da História

²⁹ Os entrevistados da pesquisa foram escolhidos propositalmente pela autora, tendo em vista que essas pessoas vivenciaram ou vivenciam atividades no Rio Tocantins e são ativas na comunidade. São indivíduos que nasceram em Vila Moiraba ou que se mudaram para lá ainda na infância.

Local nos remete a contar os fatos vividos pelos moradores da maneira como eles de fato experimentaram essas vivências no passado, a partir de suas memórias individuais e coletivas, alinhando-se à “Nova História”. Nesse sentido, Peter Burke (1997) pontua que, para o movimento dos *Annales*, qualquer marca deixada pelo homem pode ser considerada fonte histórica.

Natânia Nogueira (2001, p. 2) afirma que “a valorização da memória do município favorece o surgimento de um espírito crítico e comprometido com o bem comum”. Portanto, a história local permite que os fatos sejam refletidos como acontecimentos que possibilitam o conhecimento sobre o passado, o que, neste estudo, reflete uma perspectiva ambiental.

Para Jacques Le Goff (1991), a memória é um elemento essencial para a identidade individual e coletiva, e deve haver um vínculo com a história, pois a história se alimenta e cresce com a memória, servindo tanto ao presente quanto ao futuro.

Conhecer a história das vivências desses moradores com o rio é, portanto, também conhecer um processo construtivo. É entender que esses indivíduos são parte ativa desse processo. Isso se torna um viés para a criação de uma identidade, inicialmente local e, conseqüentemente, regional e nacional.

Nesse sentido, Donald Worster (1991) ressalta que procurar avaliar as demandas em conjunto possibilita um entendimento da natureza como ambiente, analisando sua forma de organização no passado. Wesley Kettle (2017, p. 54) chama a atenção para o fato de que:

(...) apesar do aumento expressivo de informações sobre os impactos ambientais e o reconhecimento, por parte da sociedade, de que esse é um tema indispensável para a formação de cidadãos críticos. A História ensinada tem tido dificuldade em incorporar o debate sobre o meio ambiente, deixando assim, de ampliar a compreensão sobre o passado.

Para tanto, a perspectiva ambiental se torna de grande relevância para a formação de uma consciência sobre a percepção e proteção do meio ambiente. No contexto dessa discussão ambiental, os moradores responderam a perguntas sobre suas vivências com o uso do rio, além da preservação e conservação de sua margem.

Entre os moradores com idades entre 70 e 94 anos, as atividades no rio eram mais frequentes no passado. No que tange às questões ambientais, não foi possível perceber uma preocupação significativa com a preservação do rio. No entanto, entre os moradores na faixa

etária de 48 a 60 anos, o contato com o rio diminuiu, e as preocupações ambientais são mais discutidas.

Essa diminuição do contato com o Rio Tocantins ocorreu devido às transformações ao longo do tempo, sendo a Revolução Industrial um fator importante nesse processo. Com os avanços tecnológicos (energia elétrica), a água passou a ser fornecida pelas torneiras das casas, diminuindo o contato dos moradores com o rio. No entanto, além desse “conforto”, a mudança também trouxe prejuízos para atividades como a pesca, o que levou os moradores a buscarem outras atividades de subsistência e, em alguns casos, até mesmo a se deslocarem para outras regiões em busca de trabalho.

Os elementos utilizados para as discussões ambientais, obtidos por meio de entrevistas e observações de campo, foram: ar, água, solo, flora, fauna, lendas e o ser humano.

O elemento ar aparece no relato da moradora Maria Olinda, que relata gostar de sentir o cheiro que vem do rio e o vento agradável ao caminhar próximo a ele. “O vento³⁰, as cachoeiras, as quedas d’água e as corredeiras, sem esquecer as ondas do mar, são sabiamente utilizados pela natureza para a aeração das águas” (Rachwal; Souza, 2003, p. 2). Sabemos que o ar é vital para nós e, para a natureza, não é diferente. O ar é importante na natureza porque transporta sementes, pólen e pequenos insetos para outros lugares, além de desempenhar muitas outras funções, como aprendemos na educação básica. A mídia tem noticiado amplamente sobre a poluição do ar, alertando para os perigos desse problema.

Além disso, o ar poluído interfere na saúde e no bem-estar humano, além de causar danos ao meio ambiente. Sobre a importância do ar, Marcos Rachwal e Rachel Souza (2003, p. 2) afirmam que “podemos nos recusar a beber água com mau cheiro ou com coloração suspeita, mas não podemos tampar as narinas durante alguns minutos para não respirar o ar poluído de uma cidade com este tipo de problema”. E isso vale para qualquer ambiente.

A fotografia 34 a seguir é uma demonstração da importância de cuidarmos do meio ambiente, para que possamos respirar um ar agradável, como relatado pela moradora no início deste trabalho, que destacou o prazer de sentir o cheiro e o vento que vêm do rio.

³⁰ Recentemente, percebemos a importância do vento na grande cheia do Rio Grande do Sul, ocorrida em maio de 2023. Segundo pesquisadores e estudiosos da área, foi a direção que o vento tomou que possibilitou a retenção ou o escoamento das águas das enchentes.

Fotografia 34 – Moradora sentindo o vento em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

O elemento água foi mencionado em todas as entrevistas, sendo o rio o principal representante desse contexto. É nas águas do rio que os moradores se deslocam, se banham, pescam e, ocasionalmente, ainda obtêm água para seus serviços domésticos. Mesmo com todos os avanços tecnológicos que alteraram significativamente o modo de vida dos moradores, as águas do rio continuam sendo essenciais e de grande importância para a Vila Moiraba.

As águas do Rio Tocantins, no período do verão, têm uma coloração transparente e esverdeada, enquanto no inverno são mais turvas, devido às chuvas e enchentes das cidades mais baixas, além dos aningais e igarapés em seu entorno. Durante o inverno, segundo os entrevistados, os moradores evitam ir ao rio (exceto em caso de falta de energia), pois a água suja e turva causa coceira na pele, além do medo, já que o nível do rio sobe muito. Com as chuvas intensas, a usina de Tucuruí abre algumas comportas, e os moradores temem o aparecimento de animais como cobras, pirararas, jacarés e um peixe muito temido chamado candiru. Este último é um parasita que suga o sangue de suas vítimas e pode até penetrar no corpo humano pelas partes íntimas.

Na fotografia 35 a seguir, percebe-se que a água é límpida, sem vestígios de contaminação. Vale ressaltar que a vila não possui um sistema de esgotamento sanitário com obras e serviços adequados para coleta e tratamento de esgoto. Na ausência desse saneamento básico, os moradores optaram por construir duas fossas em suas residências: uma para o banheiro e outra para os resíduos domésticos. Por isso, não há valas em frente às casas que poderiam desviar os resíduos para o rio, evitando assim sua contaminação.

Fotografia 35 – Águas do Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

O Brasil possui a maior reserva de água doce do mundo, e a água é um dos temas ecológicos mais discutidos em eventos ambientais. Maria Silveira (2014, p. 17) ressalta que “a água é uma das riquezas naturais mais ameaçadas do mundo”. A preservação dos rios é uma responsabilidade global, e a autora enfatiza que é necessário conhecer o rio para amá-lo e cuidar dele como parte de nós.

Apesar da grande importância do Rio Tocantins, seja pelos recursos naturais que oferece ou pelas atividades de lazer e utilidade doméstica, os moradores, em suas entrevistas, não mencionaram o rio como um patrimônio. À primeira vista, percebe-se a falta de conhecimento sobre o conceito de patrimônio natural³¹, embora os moradores reconheçam a importância do Rio Tocantins, especialmente durante a falta de energia elétrica, quando a bomba que abastece as casas depende dessa energia. No entanto, a energia produzida pelo rio não chega com qualidade a muitas localidades próximas à margem do Tocantins.

Diante disso, há muitas queixas sobre os grandes projetos que impactaram direta e indiretamente o Rio Tocantins, modificando o modo de vida das pessoas ao seu redor. Salomão Larêdo (2022, p. 25) enfatiza a necessidade de estudos e pesquisas que revelem esses impactos, “para que pelo menos a gente se indigne de o ribeirinho não ter, nas casas onde

³¹ De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio natural consiste em sítios com áreas de excepcional diversidade biológica e paisagística. Neles, a proteção ao ambiente arqueológico, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais é objeto de atenção especial (portal.iphan.gov.br).

moram e arcarem com os custos para poder usufruir de energia elétrica que é produzida na sua ilha”. Assim, os moradores da Vila Moiraba reclamam da má qualidade da energia, pois, quando compram eletrodomésticos mais modernos, como uma geladeira, a energia disponível não é suficiente para um bom funcionamento. Além disso, os picos de energia são frequentes, principalmente no inverno, quando as chuvas são intensas.

No elemento solo, os entrevistados mencionaram, de modo geral, a margem do rio e, em particular, o surgimento de várias praias, que, segundo os moradores, são consequência da construção da hidrelétrica de Tucuruí. Eles relataram que, antes da hidrelétrica, não existiam tantas praias. De fato, as construções de hidrelétricas transformam toda a paisagem do rio e de suas margens. Além disso, durante as observações de campo, foi identificado um desmoronamento do solo em uma área chamada de pelos moradores de “morro”, usado anteriormente para o aterro de ruas da Vila Moiraba por ser um solo com piçarra.

As fotografias a seguir mostram os diferentes tipos de solo encontrados na margem do Rio Tocantins, em frente à Vila Moiraba, destacando a importância e função do solo na natureza. A fotografia 36 demonstra uma área próxima ao rio, cujo solo é uma espécie de piçarra. Na fotografia 37 chama a atenção para o desmoronamento do solo próximo ao rio, resultado da degradação causada pela ação humana. Na fotografia 38 demonstra solo próximo à praia, o qual apresenta uma cor marrom devido à absorção e filtragem das águas, sendo sua cor natural branca. Já a fotografia 39 mostra uma praia (solo arenoso), mencionada pelos entrevistados, que surgiram após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Fotografia 36 – Localidade conhecida pelos moradores como morro, que possui um solo com piçarra.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 37 – Desmoronamento do solo.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 38 – Demonstração do solo argiloso em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 39 – Demonstração do solo argiloso com formação de praia em frente à Vila Moiraba.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Segundo Marcos Rachwal e Rachel Souza (2003), o solo desempenha um papel ecológico fundamental ao filtrar a água. Os autores destacam a importância de utilizar e cuidar

adequadamente dos solos, levando em conta seu potencial e fragilidade. O uso correto pode evitar a erosão, mantendo o solo produtivo e garantindo que ele continue a desempenhar seu papel ecológico por muito tempo.

No que tange ao elemento flora, os moradores relataram a presença de árvores na orla da Vila Moiraba. Alguns dos moradores mais antigos relataram que coletavam cumaru na beira do rio, além da fruta-pão. Esta última deu nome a um local na beira do rio, chamado Porto do Pão, devido à abundância dessa espécie, que atualmente é mais rara. Hoje, nesse local, há alguns pés de açaizeiros, plantados por um morador que viveu ali por algum tempo³².

Além dos relatos dos moradores, foi possível observar outras espécies na margem do rio, como palmeiras, ingazeiros e mangueiras. Um aspecto importante, que não foi mencionado pelos moradores, é a existência de uma área de preservação ambiental localizada na margem do rio até um igarapé. Talvez os moradores não tenham conhecimento da importância dessa área, mas ela abriga aningais e uma mata ciliar com árvores de pequeno e grande porte. Os moradores relataram que, no passado, utilizavam muito o igarapé para serviços domésticos e, atualmente, buscam água potável nesse local quando necessário. No entanto, a fonte natural desse igarapé está precisando de conservação.

Dessa maneira, é preciso sensibilizar os moradores sobre a importância dessa área ambiental, haja vista que a manutenção da biodiversidade local também depende desse tipo de ambiente, tendo em vista a preservação de espécies da flora e da fauna, além da fonte natural situada nesse local. Ademais, a preservação e conservação da margem do rio como um todo é muito importante para a flora, pois esse elemento ambiental depende de outros, como o ar, a água, o solo e os animais. Levando em consideração a flora, os autores Marcos Rachwal e Rachel Souza (2003, p. 6) pontuam que “precisamos revegetar as florestas que devastamos, principalmente as situadas em beiras de rios, cursos d'água e áreas de nascente hídricas”. Os autores chamam a atenção para o papel da floresta ciliar (florestas que ocorrem nas beiras de rios), sendo de fundamental importância para a purificação das águas, além de:

os troncos das árvores e a rugosidade provocada na superfície do solo pelas folhas, galhos e demais restos vegetais e animais depositados (folheto ou

³² Este foi o local do antigo estaleiro mencionado no início deste estudo. O morador que permaneceu no local por algum tempo, após uma conversa com os representantes da comunidade, foi removido para terra firme, em uma tentativa da comunidade de evitar moradias na beira do rio, prevenindo, assim, a contaminação do rio e de suas margens.

serrapilheira ou “tapete” da floresta, termo proposto pelas crianças), além de reduzir a velocidade da água, funciona como uma barreira para impedir que eventuais partículas como areia e argila consigam chegar ao rio turvando-lhe a água (Rachwal; Souza, 2023, p. 3).

As fotografias 40, 41, 42 e 43 a seguir demonstram a vegetação próxima ao rio, com ênfase no cuidado com as matas ciliares e sua função à margem do rio. É possível perceber uma boa vegetação de grande e pequeno porte, que protege o solo e o Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba, além da conservação da fonte natural localizada nas proximidades do rio.

Fotografia 40 – Fonte natural (antigo igarapé localizado próximo ao Rio Tocantins).



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 41 – Área de vegetação entre o igarapé e o Rio Tocantins.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 42 – Local do antigo porto do pão.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 43 – Demonstração de árvores próximas ao rio.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Em relação à fauna, os entrevistados relataram as espécies encontradas no Rio Tocantins, em frente à Vila Moiraba: peixes, botos, camarões, sarnambi, aviú e sarará. O mais mencionado foi a abundância de peixes e camarões, que, segundo os moradores, desapareceu após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, inaugurada em 1984, durante o período da ditadura militar no Brasil. Naquela época, havia poucas preocupações com os problemas ambientais no país. Os moradores lembram com afeto e gratidão que esses recursos do rio sustentaram suas famílias no passado, mas também com tristeza, pois hoje sentem falta da

diversidade e da fartura de espécies que existiam. Para eles, a abundância de peixes se tornou uma memória histórica da comunidade.

Na fotografia 44 a seguir, percebe-se uma pequena quantidade de peixes após uma manhã inteira de pesca, o que comprova os relatos dos moradores sobre a escassez. No entanto, é válido destacar que o pouco que ainda existe é devido à conservação do rio.

Fotografia 44 – Pescadores com uma pequena quantidade de peixes após uma manhã inteira de pesca.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Ainda sobre a fauna, a maioria dos moradores chama a atenção para o período de defeso, relatando que alguns pescadores precisam ter mais consciência sobre a conservação das espécies do Rio Tocantins, especialmente durante o período de reprodução. A legislação que rege o defeso é estabelecida pela Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, e pelo Decreto nº 6.981, de 13 de outubro de 2009, além da Instrução Normativa Interministerial MPA/MMA nº 14, de 25 de outubro de 2011.

Conforme a lei, o período de defeso na bacia hidrográfica do Rio Tocantins ocorre anualmente, de 1º de novembro a 28 de fevereiro, para todas as categorias de pesca (Lei 11.959/2009, cap. III, art. 5º). Nesse período, a pesca é permitida apenas para subsistência, respeitando as instruções normativas da Lei 11.959/2009.

A preocupação relatada por alguns moradores, especialmente os mais velhos, é a falta de consciência de uma minoria de pescadores da Vila Moiraba, que acabam pescando espécies

em reprodução (camarões e peixes ainda muito pequenos). Como consequência, pode haver escassez desses animais durante a abertura da pesca, que ocorre no dia 1º de março de cada ano.

Ademais, durante as idas e vindas ao rio para pescar, alguns moradores relataram, ou ouviram de seus pais, lendas relacionadas ao rio e suas margens. Segundo Sarah Rodrigues (2016, p. 15), em seu livro *Nosso Folclore*, “as lendas são histórias contadas e transmitidas oralmente através dos tempos, com mistura reais e históricas, com acontecimentos que são frutos da fantasia”. Para os moradores da Vila Moiraba, as lendas eram uma forma de respeitar a natureza. Na maioria dos relatos, ao presenciar tais situações, eles não esboçavam reação alguma.

As lendas mencionadas pelos entrevistados foram: a cobra grande, o aramasá, o boto, o fogo do ar, a matinta perêra, a ilha, o gato preto e a preguiça encantada. Nazaré Alves, de 94 anos, relatou que ouviu dizer que havia uma cobra muito grande em frente à vila, mas que era mansa, e um aramasá muito grande, que encantava pessoas. Também foram relatados o boto, que se transformava em homem e dançava com as mulheres nas festas, o fogo do ar, a matinta perêra, que aparecia na beira do rio, a ilha que se transformava em navio, o gato preto à margem do rio e a preguiça encantada. Benedita Maurício, de 76 anos, conhecida na vila como “Tia Binga”, relatou o que aconteceu quando ouviu o canto da preguiça vinda do fundo do rio:

eu fui tirar o matapi, eu tinha uns 8 matapi lá na beira, quando eu cheguei lá, desmanchei o primeiro aí eu abaixei na beira, quando estava desmanchando o segundo o galo bateu asa ,có-có-ró-có o boi múúú, o peru gritou golôgolô, o cavalo rêrê e aí a preguiça cantou lá no fundo: ☐... Me chamo Marina Gricéliaaaa, moro no fundo do mar, se, você é liberta, por favor queira me libertar...☐ Ela queria que eu libertasse ela, desencantasse, por isso ela cantou pra mim. Mas a voz³³ disse pra mim: não dá as costas para o rio, senão tu vais embora para o fundo! Aí, foi que eu vim de lado (mas rapaz se tivesse um me olhando) eu pisei numa raiz me desequilibrei e cair de pernas pra cima (risos), me levantei e sair.

De alguma forma, as lendas, segundo Sarah Rodrigues (2016) em *Nosso Folclore*, buscam explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, além de alertar sobre os

³³ A voz que a moradora relata, segundo ela, é a de seu guia, o anjo Gabriel. Dona Benedita (Tia Binga) é uma curandeira.

perigos, defeitos e qualidades do ser humano. Dessa maneira, as lendas podem, de certo modo, proteger a natureza e ensinar o homem a respeitá-la. As lendas relatadas pelos moradores da Vila Moiraba são contadas com temor e respeito, algumas vivenciadas, outras transmitidas por seus antepassados.

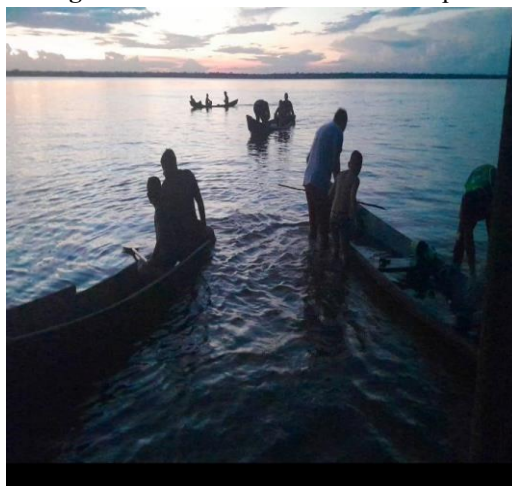
Portanto, as lendas são uma parte importante do folclore brasileiro, influenciando a cultura popular e desempenhando um papel significativo na identidade de um povo³⁴.

O elemento “ser humano” aparece na pesquisa através dos relatos e da observação de campo, representado pelos próprios moradores, visitantes e outras pessoas que passam por ali em suas rabetas (canoas com motor), barcos, entre outros meios. Entre esses seres humanos, destacam-se pescadores, banhistas (moradores ou não), além de residentes ou visitantes que ficam na orla, de frente para o rio, conversando ou apreciando a paisagem. Nesse sentido, a interação com o rio ocorre de várias formas, pois o ser humano também faz parte do meio ambiente, e suas ações podem transformar ou destruir a natureza.

Assim, é possível refletir sobre as ações dos moradores da Vila Moiraba em relação ao Rio Tocantins e sobre os tipos de registros que estão deixando nesse ambiente natural, especialmente nas suas margens, e em relação às suas atitudes de conservação e preservação.

A seguir, as fotografias 45, 46 e 47 demonstram algumas ações do ser humano interagindo com o Rio Tocantins em frente à Vila Moiraba.

Fotografia 45 – Pescadores no final da pesca.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

³⁴ SILVA, Daniel. **Folclore brasileiro.** Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/folclore-brasileiro.htm>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Fotografia 46 – Banhistas.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

Fotografia 47 – Pessoas em locomoção no Rio Tocantins.



Fonte: Nazaré Lobo (2023).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins é um dos meios importantes de informar a comunidade e promover reflexões acerca da história ambiental, as quais podem levar à compreensão e ao desenvolvimento de comportamentos sustentáveis para a preservação e conservação do Rio Tocantins e de suas margens.

Os objetivos do estudo foram alcançados, visto que a interação dos moradores com o Rio Tocantins é uma atividade que possibilita reflexões sobre a perspectiva ambiental. Com isso, foi possível constatar que as atividades ligadas ao uso do Rio Tocantins ampliam o campo dessas reflexões, auxiliando nas ações de educação ambiental junto à comunidade e facilitando o processo de sensibilização para com o meio ambiente em estudo.

A construção do estudo ocorreu após a realização de pesquisas na literatura e entrevistas com os moradores da Vila Moiraba, com o objetivo de conhecer a relação deles com o Rio Tocantins. A elaboração da entrevista foi feita em forma de questionário, no qual os moradores relataram suas vivências interagindo com o Rio Tocantins (em alguns casos, por meio de conversas), a fim de conhecer suas atividades relacionadas ao rio e contextualizá-las com a literatura relacionada à temática, para um melhor entendimento do estudo.

Após essa etapa, iniciou-se a pesquisa sobre a origem da Vila Moiraba e do Rio Tocantins, para um maior conhecimento acerca da temática estudada. Foi possível encontrar registros na obra de Ignácio Baptista Moura, com relatos de sua passagem pela vila no século XIX. Além disso, foram encontrados escritos no perfil do Quilombo São Benedito e nos relatos do morador Ronaldo Rodrigues Pinto. Esses conteúdos foram de grande relevância para o estudo, haja vista que a comunidade possui poucos registros sobre sua história local. A autora deste trabalho ficou muito feliz ao encontrar registros da localidade em uma obra.

No que diz respeito às discussões ambientais, as entrevistas com os moradores e a observação de campo foram satisfatórias para a obtenção dos resultados. Vale ressaltar que algumas medidas de educação ambiental já são adotadas por alguns moradores e professores locais, mas é necessária maior sensibilização por parte da comunidade em geral em relação à preservação e conservação do Rio Tocantins e de suas margens, especialmente na área em frente à Vila Moiraba, uma vez que a vila está em desenvolvimento.

Refletir sobre as mudanças e permanências nessa relação dos moradores com o Rio Tocantins proporciona uma discussão sobre a história da Vila Moiraba sob uma perspectiva ambiental.

Espera-se que esta pesquisa seja utilizada pelos moradores como um meio de conhecimento da história local sob uma perspectiva ambiental, facilitando o domínio das discussões ambientais relacionadas ao Rio Tocantins e às suas margens, diante da localidade de Vila Moiraba. Acredita-se que este estudo também pode ser utilizado no ensino local de forma interdisciplinar, como uma maneira de conectar o passado com o cotidiano dos moradores.

Dessa forma, a utilização deste estudo pode contribuir para o empoderamento da comunidade no cuidado com o Rio Tocantins e suas margens em Vila Moiraba, orientando a comunidade e os educadores a adotarem modos de vida mais sustentáveis, com base no conhecimento ecológico local.

Uma limitação deste estudo foi a dificuldade de encontrar fontes escritas sobre a história local da Vila Moiraba, sobretudo sobre a origem dos irmãos Isidoro Pinto Cotta e João Cotta, considerados os “fundadores” da vila. Não se sabe de onde vieram, como e por que escolheram essa localidade para se estabelecer, quem eram os moradores anteriores a eles e como chegaram a essa região. Essas são lacunas ainda não preenchidas na história dos primeiros habitantes da vila. Essa curiosidade deixou a autora inquieta, com vontade de pesquisar mais sobre o tema, além de investigar outras obras de viajantes pelo Rio Tocantins, na esperança de encontrar registros sobre a passagem por Vila Moiraba.

Considerando que nenhum trabalho é definitivo, recomenda-se revisões e atualizações contínuas à medida que surgirem novas diretrizes relacionadas à temática. Além disso, sugere-se a continuidade da pesquisa em outras comunidades do Quilombo São Benedito, que, além da Vila Moiraba, abrange outras localidades, como as comunidades Cabanagem, Aripijó, Bacuri, Arimateua e Catalão, esta última ainda em processo de inclusão.

Por fim, pretende-se realizar uma palestra sobre as discussões ambientais levantadas nesta pesquisa junto à comunidade da Vila Moiraba e, em seguida, avaliar se o estudo promoveu mudanças de comportamento em relação ao meio natural em foco.

FONTES

I.

FONTES IMPRESSAS:

A CONSTITUIÇÃO. *Hemeroteca Digital*. Ano 1877. Edição 00054, p. 3.

II. FONTES ORAIS:

ENTREVISTADOS	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
Margarida Rodrigues das Mercês	90 anos	Vila Moiraba	Aposentada
Manoel Rodrigues Arnoud (Café Bom)	91 anos	Vila Moiraba	Aposentado
Maria Xavier Alves		Bagre-PA	Aposentada
Nazaré Alves Valente	94 anos	Ilha de Mendaruçú-Cametá	Aposentada
José dos Santos Vasconcelos Maurício (Tingola)	54 anos	Vila Moiraba	Funcionário Público
Sebastião Hélio Rodrigues	71 anos	Belém- PA	Aposentado
Maria Olinda Rodrigues Pinto	67 anos	Aripijó- Cametá	Aposentado
Mariana da Conceição Fiel	81 anos	Vila Moiraba	Aposentada
Benedita Maurício de Moraes (Tia Binga)	75 anos	Canudos- Moju	Aposentada
Maria Tereza	45 anos	Vila Moiraba	Dona de Casa
Dilvânia Maria Lisbôa de Souza	45 anos	Vila Moiraba	Dona de Casa
Ademar Fiel		Vila Moiraba	Pescador e Agricultor
Maria das Graças Gonzaga Moraes	76 anos	Vila Moiraba	Aposentada
Benedito Costa Campos (Tio Binga)	60 anos	Vila Moiraba	Pescador e Agricultor
Altair Alberto Lobo de Jesus (Jó)	53anos	Vila Moiraba	Professor
Aldair do Carmo Lobo de Jesus	55 anos	Vila Moiraba	Professora Aposentada
Francisco Lira Sobrinho Neto	79 anos	Ilha de ParurúCametá	Aposentado

Haroldo Lobo de Jesus	63 anos	Vila Moiraba	Reserva da Aeronáutica e Agente Distrital
-----------------------	---------	--------------	---

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALÇA VIÁRIA DO PARÁ. Secretaria de Estado de Transporte – SETRAN/PA, 1 de maio de 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação).

BRASIL. Relatório para conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: desafio do desenvolvimento sustentável. Brasil: Clima, 1991.

BRASIL. Pará. Decreto-Lei nº 4.505, de 30 de dezembro de 1943.

BRASIL. Pará. Instruções normativas interministerial MPA/MMA nº 14, de 25 de outubro de 2011. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Decreto nº 6.981, de 13 de outubro de 2009.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAVALCANTI, Flávio. **Ferrovias da Amazônia**. Disponível em: <http://vfc.brazilia.jor.br/estacoes-ferroviarias1960-norte-EF-Tocantins-Estrada-Ferro-Tocantins>. Acesso em: 19 set. 2024.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 14, p. 328-329. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv.27295-14.pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. **Educação patrimonial no ensino de história dos anos finais do ensino fundamental**: conceitos e práticas. São Paulo: Edições SM, 2012.

FLORES, Kátia Maia. **Caminhos que andam**: o rio Tocantins e a navegação fluvial nos sertões do Brasil. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FURTADO, Júnia Ferreira. Metamorfoses da colonização: o rio Tocantins e a expansão para o oeste em mapas e relatos (século XVIII). **Tempo**, Niterói, v. 22, n. 40, p. 367-399, mai-ago. 2016.

GLOSSÁRIO DE ECOLOGIA. [S.l.: s.n.], 1997.

GOMES, Flávio. “No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XX. **História Unisinos**, v. 10, n. 3, p. 281-292, set./dez. 2006.

GUITARRA, Paloma. **Rio Tocantins**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/rio-tocantins.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023.

KETTLE, Wesley. A Perspectiva ambiental e o Ensino de História na Amazônia: Experiências no município de Ananindeua. **Revista da LHIESTE**, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 53-69, jan./dez. 2017.

KETTLE, Wesley Oliveira. A perspectiva ambiental e o ensino de história: proposta para compreender o passado. *In*: NUNES, Francivaldo Alves; MACEDO, Sidiana da Conceição Ferreira de (orgs.). **Ensino de história: linguagens, abordagens e perspectivas**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018. v. 1, p. 43-64.

KETTLE, Wesley Oliveira; BARBOSA, Estevão José da Silva (orgs.). **História pelos rios do Brasil**. Maceió: Editora Olyvier, 2022.

LARÊDO, Salomão. **Baixo Tocantins: algumas memórias – história – romance – na vida de sua gente**. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2022.

LARÊDO, Salomão. **Terra dos Romualdos – País dos Maparás: memória da Amazônia Tocantins: etnoliteratura, teologia, mitopoética e foto memória – autoficção**. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2013.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOLF, Jaques. **HISTÓRIA E MEMÓRIA**. Campinas: SP: Editora UNICAMPI, 1992.

MOURA, Ignácio Batista. **De Belém a S. João do Araguaia: Vale do Tocantins**. Belém: FCTPN/Secult, 1989.

NOGUEIRA, Natânia Aparecida da Silva. O ensino de história local: um grande desafio para os educadores. **IV Seminário Perspectivas do Ensino de História: Ouro Preto**, 2001.

PÁDUA, José Augusto; CHAMBOULEYRON, Rafael. Apresentação – Dossiê: Rios e sociedades: movimentos dos rios/movimentos da história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 91, p. 15-24, 2019.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: Ed. Açaí, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. *In*: SIMSON, Olga de Moraes Von. (org.). **Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

PERFIL DO QUILOMBO SÃO BENEDITO. Raymundo Garcia Cota (org.). [S.l.: s.n.], [s.d.].

RACHWAL, Marcos Fernando Gluck; SOUZA, Rachel Gueller. Os seis elementos: educação ambiental integrada para multiplicadores. *In: SEMANA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO*, 1., 2003, Colombo. *Floresta e Meio Ambiente: palestras*. Colombo: Embrapa Floresta, 2003. (Embrapa Florestas. Documentos, 88).

SILVA, Daniel. **Folclore brasileiro**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/folclore-brasileiro.htm>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SILVEIRA, Maria José (org.). **Entre rios**. Desenhos: Roger Mello. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

SOUSA, Roseli. **Entre o Rio e a Rua: Uma Cartografia dos Saberes Artístico-Culturais na Ilha de Caratateua, Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2010.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de autorização de uso de imagem e depoimento oral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

Eu, XXX, estado civil XXXXXXXXXXXXXXX, RG XXXXXXXXXXXXXXX, esclarecido sobre os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisadora **Maria de Nazaré Lobo de Jesus**, graduanda em História pela Faculdade de História – FAHIST da Universidade Federal do Pará, o uso da minha imagem e depoimento oral na pesquisa, publicação científicas, eventos científicos (âmbito local, nacional e internacional) e uso como documentação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **“Vila Moiraba e o Rio Tocantins: História em perspectiva ambiental”** sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, estou ciente da finalidade das entrevistas gravadas e imagens feitas no dia ____ de _____ de 2023, para uso integral ou em partes, sem restrições de prazo e limites, para fins científicos em favor do pesquisador, acima especificado. Da mesma forma, autorizo a guarda e controle da universidade, sobre a entrevista e o uso por terceiros.

Por ser a expressão da minha vontade, assino o termo de autorização, cedendo, todos os direitos autorais dos depoimentos e entrevistas fornecidas por mim, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei nº 9160/98 (Legislação dos Direitos Autorais).

Ananindeua, ____ de _____ de 2023

Assinatura do pesquisado(a)

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – Perguntas das entrevistas

1. Você nasceu em Vila Moiraba? Se não, há quanto tempo você mora lá?
2. Qual é a sua relação com o Rio Tocantins no passado e atualmente?
3. Você conhece algum fato histórico relacionado ao Rio Tocantins?
4. O que você fez ou faz para preservar e conservar o Rio Tocantins e suas margens?
5. Você conhece alguma lenda relacionada ao Rio Tocantins?
6. O que o Rio Tocantins representa para você?
7. Quais mudanças você já percebeu na relação dos moradores da Vila Moiraba com o Rio Tocantins?